

ANTOLOGIA 2022

200
Anos
da Independência do
BRASIL

Valdemir Paiva
EDITOR-CHEFE

Éverson Ciriaco
DIREÇÃO EDITORIAL

Katlyn Lopes
DIREÇÃO EXECUTIVA

Vítor Hugo Batista
COORDENAÇÃO EDITORIAL

Paula Zettel
DESIGN DE CAPA

Jhonny Alves dos Reis
DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO

O autor
REVISÃO

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
BIBLIOTECÁRIA: MARIA ISABEL SCHIAVON KINAZ, CRB9 / 626

Antologia 2022: 200 anos da Independência do
A634 Brasil / organização de Hélio Cabral Filho – 1.ed. – Curitiba: Editorial Casa, 2022.
136p.; 23cm

ISBN 978-65-5399-233-7

1. Independência do Brasil – Antologia. 2. Antologia. I. Cabral Filho, Hélio (org.).

CDD B869.1 (22.ed)

CDU 869.0(81)-1

1ª edição – Ano 2022

Copyright © Editorial Casa, 2022

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

É proibida a reprodução total ou parcial, mediante quaisquer meios, sem a expressa
anuência desta editora.

Não encontrando nossos títulos na rede de livrarias conveniadas e informadas em nosso
site, contatar o Editorial Casa.



Praça Generoso Marques, 27, 14º andar - Centro | CEP 80020-230 | Curitiba-PR

Telefone: (55) (41) 3264-9696 | E-mail: contato@editorialcasa.com.br

www.editorialcasa.com.br

ANTOLOGIA 2022

ACADEMIA DE LETRAS DE BIGUAÇU | PREFEITURA MUNICIPAL DE BIGUAÇU



200 Anos da Independência do BRASIL

HÉLIO
CABRAL
FILHO
org.





*“O mais difícil não é escrever muito:
é dizer tudo, escrevendo pouco.”*

(Júlio Dantas)

Homenagem

Ao mestre com carinho: Um tributo a Cesar Pasold

William Wollinger Brenuvida – Cadeira nº 11



O catarinense Cesar Luiz Pasold, meu professor no curso de Direito, no início dos anos 2000, iniciou a carreira de mestre, aos 19 anos de idade, em 1964, lecionando Literatura Brasileira e Portuguesa, o ensino do Português, incluindo a Gramática, e a extinta disciplina de OSPB, sigla para Organização Social e Política Brasileira. Para o menino que se mudou, com a família, de Blumenau para a Ilha de Santa Catarina, em 1949, apenas falando o alemão, Cesar Luiz Pasold se tornou um adulto digno de aplausos e respeito, não só falando e ensinando o português, como também se tornou pesquisador do Direito, da Administração, da Educação e também da Saúde, sempre receptivo a diálogos e pesquisas que iam do mais simples ao mais complexo tema.

Este foi (e ainda é: dada a imortalidade) o homem que eu chamei de Mestre, apesar que a titulação dele, para fins acadêmicos, exigisse o chamar de Doutor, um Doutor que recebeu em 2019, aliás, um título importantíssimo da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI): Doutor Honoris Causa. Um homem simples e autêntico, com um conhecimento imenso, e sobretudo um defensor incansável das garantias constitucionais, e com quem aprendi a respeitar ainda mais a aplicação e interpretação do Direito com respeito aos direitos humanos. Partiu, em 2022, aos 76 anos, ainda com muito trabalho a desenvolver, lutando bravamente contra uma ingrata doença, mas deixando um legado fascinante dificilmente para ser alcançado.

Quem quiser obter a biografia do Mestre Pasold, que não é o objetivo deste texto, pode acessar inúmeros sítios eletrônicos após incluir seu nome “Cesar Pasold”, no ecrã da tela, no buscador do Google, ou de outra plataforma, como o Yahoo, por exemplo. Quando ele partiu, no final de abril deste ano, além da tristeza que se abateu entre amigos e familiares, colegas de profissão, alunos que formou, também inúmeros sítios eletrônicos, veículos de informação/comunicação impressos ou eletrônicos, mensagens em redes sociais circularam em massa lembrando a memória deste valoroso cidadão catarinense. Mestre Pasold formou gerações, sempre primando pela Ética profissional e pelo respeito ao próximo. Eu o conheci, num primeiro momento, lendo uma de suas obras que ainda hoje me auxilia a pensar a Pesquisa Acadêmica. Depois, tive o prazer e a alegria de ser seu aluno, e com ele aprender a pensar o Direito por outros lugares. Quis o destino que eu partilhasse com ele um lugar, na qualidade de confrade, na Academia de Letras de Biguaçu (ALBIG), e nossa amizade, pautada no respeito e na partilha do conhecimento se aprofundou. Em 1979, quando eu nasci, o Mestre Pasold se destacava como professor assistente na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e em 2008, quando tomei posse da cadeira número 11, da ALBIG, o Mestre Pasold lecionava uma cadeira chamada “Percepção Jurídica”, na UNIVALI. Apesar da nossa grande diferença de idade, o Mestre Pasold sempre que possível me chamava para conversar a respeito de um projeto novo, das suas percepções do Direito, e de como pensava o espaço das instituições que debatiam a Cultura (latu sensu) e a Cultura Jurídica, e porque havia nele sempre uma inquietude diante da Literatura e da Linguagem.

Importante destacar, nestas breves linhas, que apesar da formação jurídica e do grande jurista que foi, o Mestre Pasold jamais deixou que este espaço do dizer institucional o afastasse das pessoas, e principalmente da Literatura. Ele não enxergava a Literatura apenas como uma “disciplina”, Mestre Pasold fez da Literatura um caminho para que ele jamais abandonasse a paixão pela Arte e pela Cultura, e que o credenciou a tomar corpo e parte na/da ALBIG. Entre

nossas inúmeras conversas, Mestre Pasold confidenciava que guardava uma profunda admiração aos amigos que fez na ALBIG, da admiração que ele nutria pelas confeitadeiras Dalvina de Jesus Siqueira e Osmarina de Souza, remanescentes da obra fundadora da ALBIG, e guerreiras incansáveis na defesa da instituição nascida de “uma caldeirada de peixe”, que para o Mestre Pasold representava uma marca da herança do litoral e da região que ele tanto amava.

Quando eu disputei, pela primeira vez, uma vaga na Academia Catarinense de Letras (ACL), Mestre Pasold foi o primeiro a entrar em contato comigo, a segunda pessoa foi a querida amiga Vera de Barcellos, e o Mestre me disse que eu não me abatesse, e que compreendia, com múltiplos sentimentos, naquele momento da vida, algumas escolhas das instituições, e que se sentia honrado por saber que um aluno dele, ter tido a coragem de enfrentar um processo de escolha mais difícil que um vestibular porque não envolvia somente currículo e dedicação à Literatura. Mestre Pasold me encorajou a seguir adiante, a continuar a estudar e a escrever para que o lugar da Literatura não se perdesse na Academia de Letras.

Cada acadêmico de Biguaçu, por obrigação e respeito, deverá sempre lembrar deste querido mestre e amigo que entre nós espalhou conhecimento e esperança. Cada catarinense deve se orgulhar do fascinante ser humano e brilhante profissional que foi (e continuará) Cesar Luiz Pasold. As instituições que não lhe franquearam as portas, hoje, sabem que perderam um confrade digno da carreira e exemplo, hombridade e Ética! E aquelas instituições que o receberam, como é o exemplo da ALBIG, sempre terão a certeza de que cresceram imensamente, em qualidade, perseverança e memória.

Cesar Luiz Pasold: PRESENTE!

Homenagem Dalvina de Jesus Siqueira Dona Dalvina, a nossa Estrela

Afonso Rocha – Cadeira nº 6

O mês de setembro - dia 2 - começou triste para nós, escritores e membros da Academia. Perdemos a nossa Estrela maior, a incentivadora, educadora, companheira e amiga. Ninguém se pode sentir marginalizado e muito menos excluído, porque a confeitira Dalvina acolhia e amava a todos nós como se fosse nossa mãe, nossa irmã, nossa mais firme confidente.

Eu aprendi a respeitá-la e a amá-la, como se durante toda a vida a conhecesse e estivesse sob sua proteção.

E assim foi.

Desde que contatei pela primeira vez os membros da Academia, em 2015, dona Dalvina me lançou seu manto protetor de acolhimento e amigo.

Sei que me reservava o seu carinho e amizade com especial desvelo, não só por apreciar meu trabalho, mas também porque eu representava o povo que ela respeitava e amava: o povo e a nação portuguesa.

Lembro-me que numa das primeiras reuniões a que assisti, já como membro efetivo, ela cantou, em minha homenagem, um fado típico a nação irmã do além-mar – ver foto anexa. Isso me encheu de orgulho e, confesso, de vaidade e patriotismo.

Ela apreciava meu trabalho e foi com grande honra para mim, que me concedeu uma entrevista pessoal, publicada no **Corrente d'escrita** do mês de março de 2021. Foi uma entrevista por escrito, tendo em conta o período crítico que atravessávamos devido à pandemia. Tínhamos acordado numa entrevista diferente, pessoal, sobretudo mais longa e abordando temas mais relacionados à sua vida como educadora, professora e como escritora ativa, como sempre foi, mas a covid-19 nos impôs aquelas limitações e trocou-nos as voltas. Honra-me

que talvez tenha sido a sua última entrevista. Ela achava importante falar de seu passado para servir de incentivo e de aprendizado para os mais novos. Corrente d'escrita servia de “elo de passagem” entre gerações.

A congreira Dalvina era, no verdadeiro sentido literário, uma MESTRA.

Seus ensinamentos vinham pelo exemplo.

Na vida da Academia era a primeira a impulsionar o trabalho dos restantes escritores e poetas, a incentivar e a animar os menos ativos. Não faltava aos eventos; nunca deixou de participar nas antologias e os seus livros apareciam como cogumelos. Era repousante ler seus poemas; suas palavras escritas com o coração. Era uma mulher que não parou no tempo, antes pelo contrário, seus escritos respiram a juventude de seu temperamento e de sua militância pelas questões da atualidade, da educação, da cultura, da literatura.

Dona Dalvina continua com todos nós.

Ela não se foi.

Continuamos juntos.

Sigamos seu exemplo de vida, sua militância no seio da instituição que ela fundou - a nossa ALBIG, e sejamos dignos de suas causas e de seus exemplos. Até sempre, amiga Dalvina de Jesus Siqueira, nossa Estrela maior.



Academia de Letras de Biguaçu

Diretoria e Conselho Fiscal

Gestão 2020/2023

Presidente: **Carlos Antônio de Souza Caldas**
Primeiro Secretário: **Adauto Beckhäuser**
Segunda Secretária: **Osmarina M. de Souza**
Tesoureiro: **Hélio Cabral Filho**
Assessor Jurídico: **José Braz da Silveira**
Assessora Cultural: **Celso de Souza**
Bibliotecária: **Janice Marés Volpato**

Conselho Fiscal:

Pedro Paulo dos Santos
Luiz Nocetti Lunardelli
Rogério Kremer
José Ricardo Petry
Dulcinéia Francisca Beckhäuser

Vogais:

Valéria Maria Kravchychyn
Ana Cristina Lavratti
Vera Regina da Silva de Barcellos
Miguel João Simão
Josiane Rose Petry Veronese

Abertura

Salmir da Silva – Prefeito de Biguaçu

Que felicidade a minha, enquanto gestor público, poder testemunhar, mais uma vez, o esforço de tantas pessoas que se envolveram na produção de textos literários e que, sabiamente, dedicaram seus manuscritos a esta Antologia 2022. A Secretaria Municipal de Educação e a Academia de Letras de Biguaçu estão, novamente, inovando e mostrando que são, de fato, as parcerias entre o Poder Público e as organizações da sociedade civil que fazem a vida de uma cidade prosperar.

Agradeço, desde já, todo o empenho dos servidores públicos da área da Educação envolvidos neste projeto, bem como todos os membros da Academia de Letras que se dedicaram à leitura e seleção dos textos, além das confradeiras e confrades que submeteram seus escritos para serem publicados nesta obra. Um agradecimento especial também manifesto a todos os acadêmicos mirins, cujo mandato iniciou ano passado, bem como a todos os alunos das escolas municipais, estaduais e particulares que aceitaram o desafio e participaram do concurso literário deste ano. Destaco, aqui, as manifestações de alegria e de apoio a todos os trinta alunos selecionados que terão, para sempre, seus nomes marcados nas páginas de um livro. Meus sinceros parabéns!

Escrever sobre os 200 anos da Independência do Brasil não é, sem dúvida, tarefa fácil: exige do escritor um preparo histórico mas, também, uma capacidade de crítica social muito grande, uma disponibilidade de analogias e comparações que somente aqueles que se dedicam a estudar com seriedade é que conseguem alcançar. E isto, mais uma vez, foi feito com maestria por todos os autores.

Na abertura da Antologia 2021 desejei que este ano fosse de paz, de realizações, de resiliência e de superação de desafios. Sem receio algum consigo concluir que vencemos os obstáculos e demos mais um passo em busca de uma educação de qualidade, da interação social, do prestígio à literatura e, principalmente, do fortalecimento de uma identidade cultural de Biguaçu que, a cada dia e a cada projeto, demonstra seu enorme potencial de cidade de pessoas de bem e capazes de fazer tudo aquilo que desejarem.

Prefácio

Hélio Cabral Filho

Quando pintamos um quadro, quando desenhamos ou esculpimos, quando compomos, quando cantamos, dançamos, atuamos, enfim, quando nos expressamos por meio da arte, o universo sorri, a nossa alma se aproxima do que é divino, e nosso coração alcança a plenitude.

Produzir algo e disponibilizá-lo ao público é tão prazeroso quanto gratificante. Vale sempre a pena exprimir uma ideia, uma informação, um sonho, uma inspiração, para serem apreciados, discutidos e, até, julgados, por que não? Causando um sorriso, uma lágrima, um suspiro ou uma reflexão em cada leitor.

Eis, aqui, em nossa Antologia 2022, textos diversificados de nossos Acadêmicos seniores ou mirins e de jovens que ganharam o Concurso literário de Biguaçu. O simples, dito de maneira bela e o belo, de maneira simples, com muita sensibilidade, criatividade e emoção.

Versamos sobre os duzentos anos da Independência do Brasil, às vezes alheios, outras vezes imersos nas ponderações históricas, políticas, sociais e culturais dos fatos em si e de tudo o que foi construído ao longo desses dois séculos.

Registra-se aqui, também, duas perdas lamentáveis, de dois Acadêmicos e dois seres humanos queridos, Dona Dalvina e Cesar Pasold. Ficaram belas lembranças perpetuadas em suas obras e suas ações.

Fazer parte de uma Academia de Letras não é um exercício de vaidade ou de orgulho. É, antes de tudo, expressar a sua própria vida por meio da sua arte.

O que lhe faz imortal não é estar apenas enquadrado em um mundo acadêmico. Não é só ficar observando, no alto do camarote da própria indiferença, tudo o que acontece ao seu redor.

Ser um Acadêmico imortal, é participar de tudo o que movimenta a história e a literatura da sua comunidade, do seu município, do seu estado e do seu país. É compor, é analisar, é apreciar, é criar, é criticar, é espalhar suas sementes criativas, para florescerem bons princípios e boas virtudes nos jardins alheios.

Leiam muito e sempre e escrevam sempre e muito!

Leiam e escrevam coisas boas, otimistas e esperançosas. Para que o universo conspire em favor de todos, aperfeiçoando nossas mentes, fortalecendo nossas almas e libertando nossos corações.

Agradecimentos

- A Prefeitura Municipal de Biguaçu, na qualidade do seu prefeito Salmir da Silva;
- Ao Prof. Oscar Silva Neto, Secretário Municipal de Educação de Biguaçu;
- A todos os membros da Diretoria e do Conselho Fiscal da Academia de Letras de Biguaçu, gestão 2020/2023;
- A todos os confrades e congreiras da Academia de Letras de Biguaçu, por suas contribuições e participações na Antologia 2022;
- Aos membros da Academia Mirim da ALBIG;
- A todos os participantes e vencedores do Concurso Literário 2022 da Prefeitura de Biguaçu em parceria com a ALBIG;
- A todas as escolas públicas e particulares do município de Biguaçu;
- A todos os moradores da nossa querida Biguaçu, que valorizam nossa arte, nossa cultura e nossa literatura.

Sumário

Homenagem Cesar Pasold	6
Homenagem Dalvina de Jesus Siqueira	9
Composição da Diretoria atual da ALBIG	11
Abertura – Prefeito de Biguaçu Samir da Silva.	12
Prefácio	13
Agradecimentos	15

Textos dos acadêmicos

Josiane Rose Petry Veronese - Cadeira nº 1	19
José André Gesser - Cadeira nº 3	24
Afonso Rocha - Cadeira nº 6	30
José Braz da Silveira - Cadeira nº 9	37
Janice Marés Volpato - Cadeira nº 10.	40
William Wollinger Brenuvida - Cadeira nº 11	44
Ana Cristina Lavratti – Cadeira nº 13	49
Dalvina De Jesus Siqueira - Cadeira nº 14	55
Carlos Antônio de Souza Calda - Cadeira nº 16	58
Sérgio Silva Schulenburg - Cadeira nº 18	63
Osmarina Maria de Souza - Cadeira nº 20	68
Fernando Henrique da Silveira - Cadeira nº 21	72
Felipe de Farias Ramos – Cadeira nº 30	76

Hélio Cabral Filho - Cadeira nº 32	79
Vera Regina da Silva de Barcellos - Cadeira nº 34	83
Sandra Regina Clara Nepomoceno Pinto - Cadeira nº 40	91

Acadêmicos Mirins

Bianca Stefanés	97
Bruno Eduardo Vieira	99
Hellen Mendonça Fortunato	100

Vencedores do Concurso da PM Biguaçu	102
---	-----

ANTOLOGIA 2022

Independência

Acadêmicos

Josiane Rose Petry Veronese

Cadeira nº 1



Somos uma nação independente? Um olhar sobre a violência contra a criança

O “espetáculo do eu”

*Por que e para que esta ânsia de
tudo publicar e publicizar?
As redes sociais como lócus
de diários íntimos,
de exposição dos acontecimentos da vida,
tão singulares e até comuns.
No entanto,
tudo é palco de exposição.
Passos da vida de crianças compartilhados
e não autorizados pelos seus verdadeiros interessados:
as crianças.
Crianças sujeitos reduzidos a objetos
do excesso de exposição de seus pais.
E o que mais me choca?
Considera-se “natural” tal exibição.
Atos da vida privada
postados e implantados
no domínio público.
Precisamos ponderar,
refletir*

*Aonde nos conduzirá esta
exposição insana?
Submissão cega à sociedade de rede,
alimentadora de abusos,
negatória de humanidade,
estimuladora de dependência.*

Poderemos, efetivamente, considerar que nossa amada pátria é independente, autônoma, um país que poderia ser modelo para tantos outros?

A violência nos sucumbe a uma grande e impactante miserabilidade, que nos torna frágeis. Não seria impróprio, inclusive, uma imersão na clássica obra de Victor Hugo, “Os miseráveis”, uma vez que os grandes temas/problemas ali traçados, de igual modo, fazem parte da realidade brasileira: pobreza/fome, injustiça social, falta de fraternidade, enfim, elementos que impedem o desenvolvimento pleno de uma nação.

A barbarização do universo do ser criança não para aí. O Ministério do Trabalho localizou um lixão em Boa Vista/RR, no qual estavam 118 crianças comendo lixo, catando objetos que poderiam ser reciclados, em uma luta sem trégua com urubus. Que cenário é este? Estamos no século XXI? Em um país mergulhado na lama da corrupção, o que sobra para as nossas crianças é o lixo.

Miserável é a sociedade que não cuida dos seus membros mais vulneráveis.

Miserável é a sociedade que não respeita os seus cidadãos.

São tantas as situações nas quais a criança é aviltada, que já não sabemos por onde começar o necessário enfrentamento, sob o risco de, em algum tempo, em algum lugar, chamarem de omissa e conivente a nossa geração.

Numerosas as violações de uma mídia que explora a criança, sob a justificativa de “trabalho artístico”, o mundo da arte que está – por parte de alguns predadores – perdendo o seu sentido de belo, de estético, de reflexivo, de ético, para permitir inomináveis abusos.

O próprio fenômeno do *sharenting*, em que os pais, parentes e outros, servem-se das redes sociais para uma exposição desmedida, em uma caracterização do “espetáculo do eu”, um verdadeiro ensaio narcisista, pode ser apresentado como exemplo desta banalização do ser criança.

Nesse cenário, revela-se um grande paradoxo: exatamente depois de um grande movimento que agregou educadores, sociólogos, juristas, obtendo-se um grande avanço normativo, o Marco Legal da Primeira Infância, que deu uma maior visibilidade à faixa etária compreendida entre zero aos seis anos de idade, o que assistimos é uma avalanche de violações a estes nossos meninos e meninas.

Há que se agregar vozes e forças. Não podemos nos conformar com tanto descaso, não podemos nos conformar com tanta miséria. Nosso grito de dor precisa ser escutado, em uma metáfora ao grito da independência, que segue inaudível.

A criança e seu mundo, não deveriam estar neste mundo hostil que o adulto lhe está proporcionando. A criança e seu mundo deveriam estar assegurados em uma família, uma sociedade e um Estado que se constituam – cada um em sua esfera – cuidadosos e protetivos, um mundo ninho.

Sim, este é o mundo para o qual devemos nos comprometer: o da dignidade, do respeito, de uma efetiva responsabilidade para com a criança. Somente assim poderíamos falar em independência.

E no intuito de concluir este pequeno ensaio, segue o poema:

Uma homenagem

*Um grande jardim,
uma grande floresta,
campos,
serrados,
rios,
lagos,
mares...*

*Um ser que dedicou seu olhar, sua vida
a esta bela causa da proteção do ambiente,
em todas as suas formas e manifestações.*

Uma amorosidade que alcança o céu.

*Uma proteção que se fez presente:
o cuidado com a casa comum,
a nossa gaia.*

*Uma vida que se fez semente
e brotará em muitos corações e mentes,
fortalecendo uma necessidade imperiosa:
o cuidado ambiental.*

*Todos somos responsáveis,
todos devemos nos articular por esta demanda comum.*

E qual o lugar da fraternidade?

Ela desponta como valor a nos agregar.

*A fraternidade compõe a vida
Vida no grande ninho: o nosso ambiente.*

Síntese Biográfica de Josiane Rose Petry Veronese

Professora Titular da Disciplina de Direito da Criança e do Adolescente da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Mestre e Doutora em Direito pela UFSC, com pós-doutorado pela PUC Serviço Social/RS e pós-doutorado em Direito pela UnB, sob a supervisão do Prof. Dr. Airton Cerqueira-Leite Seelaender. Professora dos Programas de Mestrado e Doutorado do Curso de Pós-Graduação em Direito/UFSC. Coordenadora do NEJUSCA - Núcleo de Estudos Jurídicos e Sociais da Criança e do Adolescente e colíder do Núcleo de Pesquisa Direito e Fraternidade. Integra a Academia de Letras de Biguaçu/SC, com a Cadeira n° 1 e a RUEF (Rede Universitária para o Estudo da Fraternidade). Dezenas de obras, capítulos de livros e artigo que versem sobre o Direito da Criança e do Adolescente. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3761718736777602>.

E-mail: jpetryve@uol.com.br

Cadeira n º 1 – Patrono: Abelardo Sousa

Professor, pianista, compositor, maestro, jornalista e escritor. Nasceu em Florianópolis, em 18 de fevereiro de 1920, falecendo em 27 de maio de 1986, filho de Álvaro Corcoroca de Sousa (1879-1939), neto de José Brazilício de Sousa (1854-1910). É considerado como um dos mais importantes líderes da cultura catarinense.

Publicou suas crônicas, artigos e ensaios, no jornal “O Estado”, além da publicação de diversos livros, entre os quais destacam-se: “O Sábio e o Idioma” (IOES, 2002, 359 p.); “A Secretaria da Educação de Santa Catarina” (1975); “O Mestre-Escola Viaja no Tempo” (1978).” O Mestre-Escola Viaja no Tempo” (1978), trata-se de uma coletânea, resultado de artigos escritos para o jornal O Estado, nos anos de 1976 a 1978; “Um líder na rota do cronista” (1986); “Painéis, Contos” (1982).

José Andre Gesser

Cadeira nº 3



O Brasil Independente

Somos uma nação onde todos têm costumes diferenciados pelo misturado de povos que possuem origem diferenciada e vieram aqui, nosso país foi descoberto pelo português Pedro Álvares Cabral, porém com a evolução surgiu a imigração de variados povos que vinham para cá em busca de melhores condições, com o intuito de recomeçar a vida, onde a mesma já era quase destruída pelos traumas causados nas guerras ocorridas.

De início se entendeu a necessidade da domesticação do índio, mas isso se tornava difícil pela incapacidade dos mesmos em se acostumarem com a evolução, tendo que trabalhar diferentemente de seus costumes aos quais conviviam. Após essa tentativa surgiu o transporte do negro – como escravo para nossa nação, pois necessitava-se a mão de obra e os mesmos a poderiam doar. Assim a África contribuiu com enorme preciosidade na colonização de nossa nação, que de início necessitava de mão de obra e isso só se transformou em realidade com a chegada dos africanos aqui.

Aos poucos o Brasil de colônia virou uma nação mais desenvolvida, foram tempos difíceis, mas com esse povo batalhador tudo se transformou e se tornou realidade. Mesmo com tantos inconvenientes e desencontros na classe política, religiosa e nos mais diversos setores, nossa nação cresceu, se desenvolveu, voltou o impossível e criou através da luta indomável de seu povo um país onde quase tudo da, sendo que é possível quando se quer e essa ainda hoje é uma realidade implantada em nossas vidas.

Mudam-se as estações, surge um verão constante onde o calor queima-nos, mas, de repente vem a estação do inverno quase congelando-nos, assim é meu país, onde me encontro, chamado Brasil. Um lugar onde a educação ainda é precária para a maioria dos brasileiros, pois sempre necessitamos evoluir e educar se torna um ímpar item para a evolução de qualquer nação que sonha em estar entre os maiores países com quesito “desenvolvimento” descrito.

A capacidade de inovar é aprimorada quando compreende-se a necessidade em crescer, seja na real maneira em construir uma aprendizagem que nos torna habilitados a sermos mais melhores que ontem. Assim o Brasil ainda hoje carece de políticas públicas que incluam, sendo que as mesmas nos doam maiores probabilidades em doar um futuro melhor para todos os integrantes que aqui estão presentes.

Obtivemos uma maravilhosa nação nesses 200 anos, mas ainda não eliminamos por completo a exclusão dos direitos dos mais necessitados. Essa classe ainda é carente de melhores condições, seja em seu trabalho, em sua vida, onde se encontrar.

A inclusão é uma causa nobre a ser sempre mais incluída ao nosso país, dela surgem cidadãos e cidadãs que tornam essa nação mais integrada e completa. Assim se excluem as injustiças onde poucos têm os mesmos direitos, se obtém uma melhoria na saúde onde estamos ainda carentes e se tem mais acessibilidade, sendo que ali se encontra o abastecimento da inclusão.

Um país que requer evolução necessita de transformação, ação essa a ser inserida a seu povo, sendo que o mesmo terá que se unir, buscar sanar a desigualdade e buscar acrescentar maior acessibilidade onde se encontrar. É necessário se convencer da preciosidade do aprender percebendo onde pode-se acrescentar uma melhoria, qual a fórmula que é precisa agora e como querer ainda estar ciente que o futuro promoverá uma nação mais justa.

Nesses 200 anos de independência é interessante estar ciente de que estamos criando melhores condições para estarmos aptos a sobreviver aqui, preservando o meio ambiente tão devastado pela incapacidade de sabermos o quanto seu desequilíbrio danifica nossas terras e nosso clima. Integrando a todos e todas numa mesma certeza que ainda se poderá promover a aquisição de se conviver com o ambiente ao qual nos encontramos, jamais o danificando.

Seria tão importante nos precavermos e lutarmos por um país onde se acredita mais na capacidade de todos os cidadãos em conquistar melhorias, não apenas devastando tudo e somente pensando em si, mas querendo todos num mesmo patamar futuramente. Ficaria eficaz tornar esse povo mais integrado à

educação o tornando evoluído, fazendo o mesmo entender a importância em estar conectado a vida.

Nesses 200 anos de independência seria interessante repensarmos nossas ideias a respeito da igualdade, construindo um país voltado para a melhoria de seu povo, onde todos obteriam acesso as leis, das quais os ajudaria a sobreviver acreditando num amanhã mais promissor, obtendo a certeza que os daria mais motivos para querer construir projetos voltados a todos.

Nosso país possui uma densidade demográfica ímpar, em todos os cantos há de se encontrar uma natureza exuberante onde se teria a capacidade de sobreviver facilmente se soubéssemos lidar com as causas naturais e cultivássemos uma hegemonia em educar nosso povo por causas que criassem maior possibilidade de sobrevivência onde estarmos. Assim o Brasil seria uma nação que excluiria a fome, sendo que todos estariam aptos a estarem voltados para o desenvolvimento onde se encontrassem.

Em todos os lugares se encontram os mais variados tipos de flores, refletindo nas cores e inserindo a poesia. Em meu país há uma diversidade de pássaros que enobrecem com seus cantos a natureza, incluindo num dos mais belos recantos de nosso planeta.

Sejam nas terras brasileiras: biguaçuenses, antôniocarlenses, catarinenses, se obterá águas cristalinas – se ainda não contaminadas, fluindo e doando saúde a seu povo que por vezes nem percebe esse encanto que há em todas as regiões dessa nação.

A exuberância natural reflete em todas as estações, há neve no inverno e calor no verão. Há o acúmulo de flores na primavera e um aglomerado de frutas no outono. Em meu país diversifica-se o clima, isso o doa uma maior facilidade para colheita de grãos, cereais, frutas em os mais diversificados climas existentes aqui.

Assim multiplicam-se as colheitas, incluindo-se uma maior expectativa – se os órgãos públicos apoiarem a agricultura que sustenta a cidade, sabendo-se da necessidade do alimento para o sustento de todos.

É preciso evoluir incluindo técnicas avançadas em todos os setores, tendo para todos os cidadãos e cidadãs direitos previstos em lei que os fazem acreditar e lutar por um país mais justo que cria maior capacidade e torna seu povo orgulhoso por estar aqui, nesses 200 anos. Tendo a certeza que ainda se obterá uma nação cada vez mais voltada a políticas públicas para todos, os tornando certos de acreditar que aqui ‘vale a pena viver’, pois estamos no Brasil.

Terra de Santa Cruz, terra do sol nascente, terra de Nossa Senhora Aparecida, Terra de Santa Catarina onde se encontra localizada a comunidade de São Miguel, hoje denominada Biguaçu.

É encantador poder estar aqui ainda e te declamar, meu Brasil!

Sendo que és essa nação com uma noção em especial que sempre faz teu povo lutar por ti em todos os trajetos percorridos, sabendo que os mesmos por vezes passem por caminhos tão corrompidos, sempre se estará buscando encontrar o melhor para meu país.

Que esses 200 anos de independência representem em nós uma capacidade em encontrar em nossa cidade uma dependência que nos faz acreditar, sabendo que é preciso corroer as mesmices e mudar o que poderá melhorar.

Que nossa família, nossa região, nosso município, nosso estado e nosso país se transformem em localidades onde acredita-se na capacidade em se envolver com a inclusão, fazendo dessa nação um território marcado por um povo que luta por mais direitos, que saiba sempre seus deveres, que conquiste a hegemonia de poder algum dia dizer a seus filhos: — Eu ajudei a construir uma nação e por isso vos digo, “amem o que fazem e percebam como foi essencial lutar por um Brasil melhor!”

É possível, basta eu e você acreditarmos nessa possibilidade...

Síntese Biográfica de José André Gesser

José André Gesser nasceu em 16 de Junho de 1975, na cidade de Antônio Carlos/SC. É professor, escritor, agricultor e feirante.

É graduado em Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura e é Pós-graduado em Psicopedagogia, Neuropsicopedagogia, Educação Especial Inclusiva, Anos Iniciais e Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa e Literatura.

Filho de Ambrósio Gesser e Hilda Kíster Gesser.

É membro da Academia de Letras do Brasil e de Santa Catarina (ALBSC), com a cadeira nº 58. Também é membro da Academia de Letras de Biguaçu, com a cadeira nº 3.

Em 2019 recebeu o certificado Homem Brillhante (Instituto Articulli e Academia de Letras do Brasil e de Santa Catarina).

Lançou até agora 6 obras: Como Ser Feliz Verdadeiramente, Máscaras de Nossa vida, Minha Terra – um ótimo lugar para se viver, Detalhes, Viver, EDUCARE – educação e inclusão.

Em 2020, participou de 2 antologias coordenadas pelo professor Miguel Joao Simão, denominadas “Sonhos de Liberdade” e “Olhares de Saudades”.

Em 2021, participou de 2 antologias coordenadas pelo professor Miguel Joao Simão, denominadas “Mãos Que Marcaram Nossa Vida e Noites de Inverno”.

Também em 2021, participou da antologia coordenada por Fernando Henrique da Silveira e Hélio Cabral Filho (da Academia de Letras de Biguaçu), denominada ‘O que a pandemia nos ensinou’.

Em 2022, participou da antologia coordenada pelo professor Miguel João Simão, denominada “Tributo à embaixadora da Cultura de Santa Catarina Apolônia Gastaldi”.

Cadeira nº 3 – Patrono: Adolfo Konder

Adolfo Konder nasceu em Itajaí/SC a 16 de fevereiro de 1884, filho de Marcos Konder (sênior) e de Adelaide Flores Konder. Bacharel em Direito.

Eleito deputado federal por Santa Catarina.

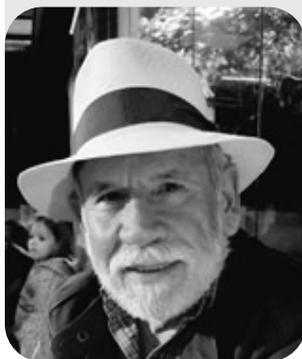
Foi governador por Santa Catarina.

Adolfo Konder faleceu no Rio de Janeiro a 24/9/1956, aos 72 anos de idade.

Foi político, orador, escritor, diplomata, deputado e senador, governador e grande personagem da história catarinense, foi sepultado no Cemitério da Irmandade do Senhor dos Passos em Florianópolis/SC.

Afonso Rocha

Cadeira nº 6



Má name is Camões, Luís Vaz

Estava eu mui tranquilo, descansando, recostado nos cadeirões do real salão *das pegas*, espriando os olhares sobre o majestoso castelo dos mouros plantado no alto da serra de Sintra, uma mordomia concedida por sua majestade real, deste, daquele e de todos os outros mares conhecidos e desconhecidos, quando um moço janota, que se diz ter por origem sangue lusitano, já que seu pai, Aleixo Garcia, nos primórdios das navegações plantou sementes nas genitálias das guarani-carijós de Santa Catarina, se prostra a meus pés e me roga, por excelso favor, que o acompanhe numa viagem até aos confins das Américas no outro lado do mundo, a que chamais vós, Brasis, para deitar fala sobre o nosso Vasco da Gama e o Mostrengo, no antanho dos tempos.

Interrogo-me, como pode um mero esqueleto, ou o que dele resta, de um velho marujo e poeta, sem dinheiro nem rendas lícitas para viagens desta envergadura, que nem chega para raspar a barba e aparar o cabelo grisalho, vivendo das *buenas* bondades de dom João III, mirolho pela falta do *farol* direito e trôpego no andar, arrastar os definhados ossos por esses Promontórios e Recifes do além-mar português?

Indiferente aos meus pensamentos, o moço janota, entusiasmado, me assegura não dever me apoquentar com as questões mesquinhas da logística, pois tudo decorreria às custas dos reais cofres da cidade acolhedora.

Sendo assim e sem mais delongas, saímos de Lisboa, a Olissipo do tempo romano, metendo-nos numa passarola gigante, tremelicante, ainda mais assustadora que o próprio mostrengo das tormentas, sem velas ao vento, sem remos, sem balaustrada, sem gávea nem âncora para engatilhar em caso de maior necessidade. E assim, de chofre, deixamos para trás paisagens que eu bem reconhecia, como a curvatura suave e amante das sete colinas; a lezíria ribatejana do além Tejo; as atrevidas varinas do peixe fresco, os aguadeiros, as carroças de bois chiando; as casas coloridas da Graça, da Alfama, da Mouraria, da Ribeira... e o cais, aquele famoso cais repleto de marujos e de mulheres trigueiras que ganham a vida como só deus permite. Os cheiros a maresia, ao pescado do dia, ao bacalhau e aos fumados que irradiam seus aromas pelo mercado público da Ribeira, só nos embebedam pela memória dos tempos de antanho.

Roncando, pela força motriz dos potentes motores, não é mais o impulso dos remos que cortam o fio da rota planejada nem empurram as caravelas; e no Tejo, encontramos, em vez das naus e caravelas de cruz vermelha estampada nos mastros, *Cacilheiros*, que atravessam o rio impulsionados a vapor e a potentes turbinas que os fazem levantar num voo rasante sobre a crista das ondas. Viajamos na tal passarola, não a de Bartolomeu de Gusmão, o luso-brasileiro nascido na terra Brasis, mas numa sucedânea com força suficiente para nos atirar para uma altura de perder o fôlego.

Em vez dos remos e das velas insufladas pelo vento, são potentes turbinas que empurram o A330 (a nova máquina do tempo) para velocidades à roda das 5 mil milhas náuticas por hora (900 km) e a manter-se no ar, numa altitude de 1.200 pés, performances a anos-luz das praticadas pelas caravelas de Bartolomeu Dias, Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral. Pelo livreco que nos disponibilizaram nos assentos, outras abismais diferenças constatamos: uma caravela custaria hoje quatro milhões e meio de reais, enquanto o A330 custa quinhentos e trinta milhões; a caravela deslocava 50 toneladas de carga, atingia uma velocidade de 10 km por hora, tinha 25 metros de comprimento, com uma altura de 18 metros no mastro maior e 7 de largo; a tripulação, rondava entre os 22 e os 26 homens, enquanto, desde que as caravelas se refugiaram nos museus, esta nova passarola tem capacidade para 295 passageiros, 36 metros de comprimento e 17 de altura; atinge 900 quilómetros por hora, com capacidade para 170 mil litros de combustível, sendo capaz de voar por 11 horas seguidas sem necessidade de novo reabastecimento.

Estas performances dão-nos mais medo do que o terrível adamastor, o homem do focinho aterrador, dos dentes grandes amarelos, dos cabelos cheios de terra e crespos, uma bocarra capaz de comer navegantes e engolir caravelas e de ainda apelar aos demónios seus comparsas, para nos afogar e massacrar.

Mas antes que a passarola se afogue e nos mande desta para outra vida ainda pior, contemplemos a paisagem lisboeta. Lá em baixo, o *Cristo Rei*, que não existia no meu tempo de marujo e poeta, plantado nas escarpas de Almada, sorri, abrindo os braços num gesto protetor, quando nos vergamos perante sua imponência e majestade; e a ponte, essa invenção de génios mestres, que em tempos amargos e tristes, forçados pelas baionetas *da ordem e da grei*, envergonhando todos os lusitanos, recebeu o nome *de Salazar*, como se fosse ele o pedreiro, o mestre ou o seu financiador, hoje rebatizada, fazendo-se honrada justiça aos cravos vermelhos da alvorada libertadora *de 25 de abril*, deixa poisar as gaiotas em seus altos e colossais braços de cimento armado.

Os pioneiros das históricas navegações portuguesas: João Gonçalves Zarco, Diogo Silva, Gil Eanes, Afonso Baldares, Nuno Tristão, Diogo Gomes, Pedro Sintra, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral e, sobretudo, dom Henrique, aquele a quem vós chamais *o Navegador*, perfilam-se na companhia de muitos outros timoneiros, capitães, soldados e frades, cientistas e arquitetos que nos legaram as rotas e os desconhecidos mares, que *deram outros mundos ao mundo*, artesãos das artes, marujos, viajantes, comerciantes e aventureiros que, como nós fomos, se arrojaram nas ondas dos mares e dos ventos, perfilam-se, numa correnteza sem igual e nos acenam, do alto do Padrão dos Descobrimentos, na Belém cultural e moderna. Até os *Santos* (os populares e os eruditos) depositados em seus nichos sagrados, repousando das chagas e das tormentas no silencioso, mas imponente mosteiro dos Jerónimos, partilham votos auspiciosos por esta nossa viagem trágico-marítima, entre a pátria-lusitana e o *Encontro das Letras*, para falarmos sobre o colossal e o mítico Mostrengo de antanho.

Apesar da alta velocidade desta passarola moderna, a viagem está demorada. Já soma, em termos de tempo, dez horas. E mesmo assim tivemos de mudar três vezes até chegarmos ao destino. Segundo a fala do moço janota que me acompanha, já na terra Brasis, apesar dos tempos e das modernices, ainda haverá outros obstáculos a vencer, sobretudo, para quem procura viajar com rapidez e segurança.

Depois de poisarmos na paradisíaca e histórica Rio de Janeiro, voamos para Curitiba, a capital mais a Sul e daqui, sem mais delongas, pegando novo transporte a que os terráqueos atuais chamam de viatura, e guiados por um tal de *GPS*, chegamos por fim ao destino, uma grande cidade que, pasme-se, até tem nome de príncipe estrangeiro: Joinville.

Festa da grande nos esperava.

Festejava-se o bicentenário da independência o Brasil com muito orgulho, por parte de uns e com nostalgia por parte de outros, mas mesmo assim,

pelo que me pareceu a esmo, as gentes estavam contentes de se terem livrado dos portugueses que, segundo uns lhes vieram “roubar o ouro” e, segundo outros, aqui tinham semeado os alvares da corrupção, da roubalheira, do compadrio, da ignorância, da sem-vergonhice que reina nestas plagas nos dias de hoje. Mas mesmo assim, acharam por bem convidar “este esqueleto” lusitano vindo os tempos de antanho,

Mas, voltando ao nosso roteiro, muita gente moça e faceira nos esperava — será que encontraria eu por ali a minha bela Tétis? — bem apessoadas, mulheres e homens, sorrisos e abraços abertos e, melhor ainda, todos à volta das mesas fartas com doces e salgados, cafés e refrescos. Só faltou o nosso maravilhoso vinho “do Porto” obtido das melhores castas e cepas nas regiões do Douro, do Alentejo ou da Extremadura. Mas, como não viemos aqui para nos empanturrar nem emborrachar, nem eu, neste estado cadavérico preciso de tal ritual, passemos à frente... que se faz tarde e o espaço nesta delonga está se esgotando.

Entonces, passando ao púlpito, deixem que me apresente:

Chamo-me Luiz Vaz de Camões — mais conhecido como o mirolho por causa deste olho que me flecharam lá nas Índias —, nasci em Lisboa em 1524, tenho a proveta idade de 500 anos e venho do país-irmão: Portugal, para vos saudar e falar do meu V Canto, dedicado ao Adamastor.

«Já a vista, pouco e pouco, se desterra daqueles pátrios montes, que ficavam; ficava o caro Tejo e a fresca serra de Sintra, e nela os olhos se alongavam; ficava-nos também na amada terra o coração, que as mágoas lá deixavam; e, já depois que toda se escondeu, não vimos mais, enfim, que mar e céu.

«Assi fomos abrindo aqueles mares, que geração alguma não abriu, as novas ilhas vendo e os novos ares que o generoso Henrique descobriu; de Mauritània os montes e lugares, terra que Anteu num tempo possuiu, deixando à mão esquerda, que à direita não há certeza doutra, mas suspeita.

«Porém já cinco Sóis eram passados que dali nos partíramos, cortando os mares nunca d'outrem navegados, prosperamente os ventos assoprando, quando uma noute, *estando descuidados na cortadora proa vigiando, uma nuvem que os ares escurecem, sobre nossas cabeças aparece.*

«Tão temerosa vinha e carregada, que pôs nos corações um grande medo; bramindo, o negro mar de longe brada, como se desse em vão nalgum rochedo. — «Ó Potestade (disse) sublimada: que ameaço divino ou que segredo este clima e este mar nos apresenta, que mor cousa parece que tormenta?

«Não acabava, quando uma figura se nos mostra no ar, robusta e válida, de disforme e grandíssima estatura; o rosto carregado, a barba esquelada,

os olhos encovados, e a postura medonha e má e a cor terrena e pálida; cheios de terra e crespos os cabelos, a boca negra, os dentes amarelos.

«Tão grande era de membros, que bem posso certificar-te que este era o segundo de Rodes estranhíssimo colosso, que um dos sete milagres foi do mundo. Cum tom de voz nos fala, horrendo e grosso, que pareceu sair do mar profundo. Arrepiam-se as carnes e o cabelo, a mi e a todos, só de ouvi-lo e vê-lo!

«E disse: – «Ó gente ousada, mais que quantas no mundo cometeram grandes cousas, tu, que por guerras cruas, tais e tantas, e por trabalhos vãos nunca repousas, pois, os vedados términos quebrantas e navegar meus longos mares *ousas, que eu tanto tempo há já que guardo e tenho, nunca arados d' estranho ou próprio lenho;*

«Sabe que quantas naus esta viagem que tu fazes, fizerem, de atrevidas, inimiga terão esta paragem, com ventos e tormentas desmedidas; e da primeira armada que passagem fizer por estas ondas insofridas, eu farei de improviso tal castigo que seja mor o dano que o perigo!

«Aqui espero tomar, se não me engano, de quem me descobriu suma vingança; e não se acabará só nisto o dano de vossa pertinace confiança: antes, em vossas naus vereis, cada ano, se é verdade o que meu juízo alcança, naufrágios, perdições de toda sorte, que o menor mal de todos seja a morte!

«Mais ia por diante o monstro horrendo, dizendo nossos fados, quando, alçado, lhe disse eu: – «Quem és tu? Que esse estupendo corpo, certo me tem maravilhado! A boca e os olhos negros retorcendo e dando um espantoso e grande brado, me respondeu, com voz pesada e amara, como quem da pergunta lhe pesara:

«Eu sou aquele oculto e grande Cabo a quem chamais vós outros Tormentório, que nunca a Ptolomeu, Pompónio, Estrabo, Plínio e quantos passaram fui notório. Aqui toda a africana costa acabo neste meu nunca visto Promontório, que pera o Pólo Antártico se estende, a quem vossa ousadia tanto ofende.

«Fui dos filhos aspérrimos da Terra, qual Encélado, Egeu e o Centimano; chamei-me Adamastor, e fui na guerra contra o que vibra os raios de Vulcano; não que pusesse serra sobre serra, mas, conquistando as ondas do Oceano, fui capitão do mar, por onde andava a armada de Neptuno, que eu buscava.

Síntese Biográfica de Afonso Rocha

*Afonso Rocha (1946), é cidadão português, radicado em Florianópolis/SC desde 2013, agraciado com a Medalha e Diploma de Mérito Virgílio Várzea (2022) atribuída pela Câmara Municipal de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina – pelos relevantes serviços prestados à comunidade e pela sua atividade literária; com a Comenda Homem Brilhante 2022, atribuída pela Academia de Letras do Brasil de Santa Catarina e a Comenda Pedro Antônio Grisa, pela atuação Literária no estado de Santa Catarina, atribuída pela mesma Academia; com a “Menção Honrosa” (2020) no Prémio Filo Lisboa 2020, pelo poema (em tempos de pandemia) “Vou partir”; “Destaque Literário” (2018) – título atribuído pelos relevantes serviços prestados à cultura e à literatura pela Academia de Letras de Biguaçu/SC; “Personalidade Literária Internacional” – pela dedicação às artes e às letras (2017) e “Destaque Literário” (2015) - pelo poema “Libertai-vos, escravos”, ambas atribuídas pela Academia de Artes, Letras e Ciências de Cruz Alta/RS; palestrante, editor, jornalista, radialista e escritor, autor de oito livros a solo e coautor de vinte outros publicados no Brasil e em Portugal; fundador e diretor da *Corrente d’escrita*, revista digital literária plantando cultura, editada em Florianópolis para todos países de língua oficial portuguesa; membro efetivo da Academia de Letras de Biguaçu/SC (cadeira 06, patrona Antonieta de Barros) e membro correspondente da Academia de Artes, Letras e Ciências de Cruz Alta/RS (cadeira 21, patrono António Aleixo).

É gestor, aposentado, especializado em contabilidade, direito tributário e gestão empresarial pela Faculdade de Ciências Econômicas e Empresariais da Universidade Católica Portuguesa (Lisboa).

Cadeira nº 6 – Patrona: Antonieta de Barros

Nascida em 11 de julho de 1901, filha de uma lavadeira e órfão de pai, Antonieta de Barros foi a primeira mulher a integrar a Assembleia Legislativa de Santa Catarina. Educadora, escritora e jornalista atuante, teve que romper muitas barreiras para conquistar espaços que, em seu tempo, eram inusitados para as mulheres – e mais ainda para uma mulher negra.

Deu início às atividades como jornalista na década de 1920, criando e dirigindo em Florianópolis, onde nasceu, o jornal *A Semana*, mantido até 1927. Na mesma década, dirigiu a revista quinzenal *Vida Ilhoa*, na mesma cidade. Assinava seus trabalhos com o pseudônimo *Maria da Ilha*. Em 1937 escreveu o livro *Farrapos de Ideias*, base de sua atuação política. Como educadora, fundou

o Curso Antonieta de Barros, que dirigiu até a sua morte, em 1952, além de ter lecionado em outros três colégios.

Manteve intercâmbio com a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e, na primeira eleição em que as mulheres brasileiras puderam votar e receberem votos, filiou-se ao Partido Liberal Catarinense, que a elegeu deputada estadual. Tornou-se, desse modo, a primeira mulher negra a assumir um mandato popular no Brasil, trabalhando em defesa dos direitos da mulher catarinense. A Assembleia Legislativa de Santa Catarina concede anualmente a Medalha Antonieta de Barros a mulheres que se distinguem em relevantes serviços em prol dos direitos das Mulheres. O Município de Florianópolis/SC atribuiu seu nome ao túnel da Via Expressa Sul. Desde 2022, Antonieta figura no livro dos HERÓIS E HEROÍNAS DA PÁTRIA (Brasil).

José Braz da Silveira

Cadeira nº 9



A Bandeira, a Independência e a Democracia

Vivemos as agruras de um Brasil combatido pela desinformação e propagação do ódio. Nem mesmo a comemoração do bicentenário da independência do Brasil foi bem conduzida. Não se deu a importância devida para esse histórico acontecimento. Pelo menos no dia 7 de setembro deste ano, que marcou os 200 anos da Independência, deveríamos ter procurado acender a chama do orgulho nacional. Tudo ficou ofuscado pelas eleições que polarizaram as preferências e ditaram as pautas de toda a mídia, principalmente as sociais, na maioria, sem um compromisso efetivo com a verdade dos fatos. Até os desfiles cívicos e as concentrações religiosas estão sendo politizados, indevidamente. Paradoxalmente, o Governo, que deveria liderar o sentimento de união Nacional, muitas vezes silencia e até estimula a desordem e a desobediência. A bandeira nacional, símbolo maior da nossa pátria, que por certo jamais vai mudar de cor, não pode ser usada indevidamente, muito menos sequestrada por partidos ou candidatos.

Sim, nossa bandeira não deverá mudar de cor, mas também não poderá ser usada de forma indevida. Nossa bandeira é sagrada e única. Devemos sentir orgulho de empunhá-la em uma das mãos e segurar, na outra, a bandeira do nosso time do coração, seja ele o Flamengo, o Corinthians, o Cruzeiro, o Botafogo, o Avaí ou o Figueirense. A bandeira nacional também combina muito bem ao lado da bandeira do nosso partido político, da nossa escola de samba ou da nossa igreja. Só não combina nas mãos de quem não sabe ou não quer aceitá-la como um patrimônio Nacional, de todos os brasileiros. Não vamos permitir que a nossa bandeira venha a ser sequestrada.

O Brasil continua sendo um gigante adormecido. As suas enormes potencialidades não têm sido eficazes para que possamos ultrapassar as barreiras do terceiro mundo. Vivemos infelizmente, com as contradições de um país rico e um povo pobre. Um gigante na produção de alimentos com tantos brasileiros passando fome. Um litoral enorme de portas e janelas escancaradas para o mundo com uma indústria naval incipiente. Um território privilegiado, dotado de imensas riquezas minerais e água potável em abundância.

Até a nossa Floresta Amazônica, considerada o pulmão do mundo, que deveria ser orgulho nacional, está sendo saqueada e transformada gradativamente em deserto. Os saqueadores que tomam de assalto a Amazônia, em muito com a conivência e até o incentivo do próprio governo, recolhem os minerais preciosos e as riquezas naturais, deixando os rios poluídos e a terra arrasada, sem a menor compaixão.

O Brasil, que pela sua constituição é um país laico e jamais registrou qualquer tipo de confronto entre os diversos credos religiosos, nos últimos tempos passou a sofrer interferências indesejadas, criando rivalidades que nunca existiram. Ao invés de se defender o bom convívio entre as diversas religiões, estimula-se a discórdia e o distanciamento, como se o bem e o mal, o Deus e o Diabo, estivessem presentes apenas nas opções religiosas.

Entretanto, ainda há tempo para mudar o curso da história. O Brasil tem tudo para se consolidar como uma grande nação. É preciso ter cuidado para não cometermos erros crassos, como vem ocorrendo. Não podemos continuar semeando a discórdia, estimulando e acirrando as diferenças. O respeito à opinião alheia é fundamental. A maior riqueza do Brasil é a nossa diversidade cultural e a pluralidade de conhecimentos. Não precisamos ser iguais em pensamentos e costumes, mas, sim, em direitos e deveres. Precisamos ser mais humanos e solidários.

Sobre os 200 anos da nossa independência ainda deve ser dito que perdemos a oportunidade de comemorar o último dia 7 de setembro de uma forma verdadeira e merecida. Nada impede, entretanto, que continuemos a comemorar todos os dias, pelas nossas atitudes e pelo nosso empenho, em busca de uma nação realmente independente e próspera. É preciso, contudo, bradarmos a cada dia, um novo grito do Ipiranga. Um grito pela liberdade e pelo fim da mediocridade. Um grito pela igualdade de direitos e oportunidades. Um grito pela convivência pacífica entre as mais diversas crenças, cores e preferências culturais.

Sobre a manutenção da democracia, o que podemos e devemos fazer? É preciso, antes de tudo, ter a coragem de dizer que existe, sim, um risco de ruptura democrática no Brasil. Quando se fala em alterar as cláusulas pétreas da Constituição é de atentado à democracia que estamos falando. Quando se fala

em mudar as prerrogativas de cada um dos três poderes, é de ruptura democrática que se está falando. Quando alguém se acha no direito de defender e propalar a desordem, o descumprimento à lei e a desobediência civil, é de autoritarismo que estamos falando.

Bradamos, pois, o grito mais alto de uma bandeira única. O canto dos mais variados sons e ritmos. O eco da liberdade combinando perfeitamente com o brilho das cores originais e imutáveis da nossa bandeira, empunhada por todos os brasileiros, ao lado de todas as outras bandeiras, das mais variadas formas e cores. Que não tenhamos dúvidas nem medo de defender a democracia, a começar pelo combate diário aos pequenos atos autoritários, praticados por quem quer que seja. Que tenhamos coragem de defender a democracia, tão duramente conquistada.

Síntese Biográfica de José Braz da Silveira

É professor e advogado, Mestre em Ciências Jurídicas, mas adora a pesquisa científica e a literatura. Tem 25 livros publicados, sendo algumas obras jurídicas, alguns romances, contos e crônicas e também a participação na condição de coautor em diversas coletâneas. Foi presidente da Academia de Letras de Biguaçu, Gestão 2017/2020. Ocupou diversas funções públicas, inclusive o exercício do mandato de Vereador de Biguaçu por quatro legislaturas. É um entusiasta do voluntariado, registrando-se o seu empenho e atuação em diversas instituições ou movimentos populares e, ou sociais.

Cadeira nº 9 – Patrono: Elpídio Barbosa

Advogado e professor, Elpídio Barbosa foi orgulho para o magistério e a advocacia catarinense. Nasceu no dia 02 de setembro de 1909, na cidade de Florianópolis. Iniciou seus estudos no Colégio Coração de Jesus, no ano de 1916. Optou inicialmente pelo ramo do direito, atividade que mais lhe atraía e não seria incompatível com o exercício do magistério, sua grande paixão. Atuou como professor no Colégio Coração de Jesus e na Escola Técnica de Comércio de Santa Catarina. Eleito Deputado Estadual, exerceu o mandato de 1951 a 1955, tendo sido Secretário da Mesa da Assembleia Legislativa. No Governo de Celso Ramos, Elpídio Barbosa foi nomeado Secretário de Estado da Educação e Cultura, o mais alto cargo na área da educação em Santa Catarina. Fundador do Conselho Estadual de Educação, Elpídio Barbosa foi escolhido o seu primeiro presidente, liderança que exerceu até a sua morte.

Janice Marés Volpato

Cadeira nº 10



Liberdade! Liberdade! ...

O Samba enredo da Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense 1989, do Rio de Janeiro, nos remete a uma contagiante alegria pela conquista da Liberdade:

“Liberdade, liberdade, abre as asas sobre nós” ... Cantar e dançar gera uma emoção de alegria que se espalha por todo o organismo e as células agradecem.

A música “Ser Livre” do Padre Reginaldo Manzotti nos incentiva e proporciona a possibilidade do encontro com Deus para se livrar das amarras e poder vivenciar a paz tão almejada. Mas, Infelizmente chegamos a um ponto em que até a liberdade para rezar está em risco.

Liberdade, segundo o Portal Jurídico disponível no Google, significa “*o direito de agir segundo seu livre arbítrio, segundo a própria vontade, desde que não prejudique outra pessoa. Liberdade também é não depender de ninguém e também corresponde ao conjunto de ideais liberais e dos direitos de cada cidadão. É a independência do ser humano, o poder de ter autonomia e espontaneidade*”.

As piores amarras que aprisionam o ser humano estão enrustidas em sua própria mente, nas profundezas da alma, onde cada pessoa cultiva com intensidade e de forma negativa as situações vivenciadas e as suas dificuldades que muitas vezes nem sequer sabe o porquê dessa sensação tão angustiante.

Existem vários tipos de liberdade: de expressão, condicional, assistida, artística, locomoção, emocional, opinião, intelectual, financeira, política, religiosa, social, sexual, musical, moral, etc. Com essa pluralidade é fácil perceber o quão complexo é o indivíduo para ser completamente livre. Mas, o conhecimento

sobre como ter o domínio e o controle das emoções, favorece a ter uma melhor qualidade de vida.

Entre tantas formas de liberdade, a que mais se ouve e lê nas redes sociais, na atualidade, é a Liberdade de expressão e, conforme o Google: *“Está ligada ao direito de manifestação do pensamento, possibilidade do indivíduo emitir suas opiniões e ideias ou expressar atividades intelectuais, artísticas, científicas e de comunicação, sem interferência ou eventual retaliação do governo”*.

A tecnologia é a ferramenta ideal para quem quiser pesquisar, estudar, ou conhecer e acompanhar os acontecimentos e discussões a cada momento. Mas, a liberdade de expressão tem gerado controvérsias, até porque tem limites e a interpretação depende, em certos casos, a quem tem maior interesse. E a punição não é só restrita ao órgão público e sim conforme é interpretada, seja como atentado, ataque, defesa ou elogio.

Liberdade de expressão é a garantia assegurada a qualquer indivíduo de se manifestar, buscar e receber ideias e informações de todos os tipos, com ou sem a intervenção de terceiros, por meio de linguagens oral, escrita, artística ou qualquer outro meio de comunicação. Google 10.05.22.

As pessoas não são emocionalmente livres e ao sentirem alguma ameaça a sua sobrevivência, por insegurança ou ignorância, partem para a defesa que em maioria é o ataque. Agindo como um animal afrontado, ataca a outra pessoa de forma física ou psicológica. Até uma simples frase ou opinião que aparece nas redes sociais e que não condiz com a sua, é interpretada como agressão. O que não causa mais estranheza é o ataque o tempo todo.

A violência psicológica nas redes sociais já está banalizada. Será por que algumas pessoas estão confundindo as situações? Liberdade de expressão não significa que possa faltar com respeito para com as outras pessoas. Essa atitude mostra a realidade do seu estado emocional. Se a pessoa está com raiva ela ataca a outra, se está bem elogia.

O que também é preocupante é quando a palavra liberdade é usada para mostrar libertinagem. Ser livre não é se expor sem pudor e justificar como arte. Se a atitude é de uma pessoa doente é por meio de tratamento que se busca resolver. Mas, o que se vê nas redes sociais sobre atitudes imorais, é que é bem consciente por quem pratica. A impressão é que fica por isso mesmo, isso é um perigo e precisa de providências mais rigorosas sobre educação e orientação sobre moral e valores a seguir.

Portanto, o ser humano não é um ser livre enquanto não consegue manter a harmonia e o equilíbrio emocional. Se ele não se conhece e nem compreende

a si mesmo, não tem como conhecer e compreender o outro. E vai agir sem querer magoar, mas magoa e sem querer agredir, mas agride. Age por impulso, sem pensar nas consequências de suas palavras ou atos. Por isso muitas vezes é comparado a um animal, porque age de forma irracional como o tal.

O único ser vivo que tem a capacidade para pensar, analisar, julgar, decidir, etc. é o ser humano. Conforme Grisa: “muitas vezes age como besta desembestada”. E pior agora que mostra sua verdadeira personalidade nas redes sociais.

Por um lado, a tecnologia tem favorecido muito a vida das pessoas em vários pontos, mas, por outro, por mais inteligente que a pessoa possa ser ou pareça ser, ela não é, ou melhor, não sabe usar a inteligência para seu bem e o bem das pessoas, pois se deixa levar pelos impulsos negativos e destrutivos registrados na função subconsciente da mente. E a função consciente, a racional, vira escrava do subconsciente e por isso o ser humano não consegue ter liberdade emocional.

A para conseguir a tranquilidade mental e espiritual, depende de vários fatores e processos para que realmente a pessoa seja beneficiada. O sentimento de culpa ou culpar alguém, mantém a pessoa prisioneira pela ideia fixa na situação, sendo impedida de evoluir, porque o foco do pensamento fica vagando entre o que está fazendo e o que considera o problema. Ficar focando o pensamento na situação negativa acaba por se hipnotizar, fortalecendo o problema. Bem como, quando não perdoa, pois sofre e muitas vezes a vingança se sobrepõe. Conforme Grisa: “é muito mais importante se *desipnotizar de uma ideia fixa negativa que atrapalhe a vida do que passar a vida inteira sofrendo e carregando o peso das mágoas*”. É por meio da compreensão dos fatos traumáticos que a pessoa consegue se libertar de ter uma vida de martírio.

A liberdade interior promove benefícios que surpreendem e é a melhor forma para manter a saúde do corpo e da alma. Ser livre, ser feliz, poder viver com tranquilidade mesmo diante de qualquer situação é realmente uma dádiva.

Referências

GRISA, Pedro A. Liberte Seu Poder Extra. 5ª ed. Florianópolis - SC - Editora Edipappi, 1990.

GOOGLE. Lista de tipos de liberdade. Disponível em: https://pt.conscienciopedia.org/index.php/Lista_de_tipos_de_liberdade. Acesso em: 10 mai. 2022.

GOOGLE. Portal Jurídico. Disponível em: <https://investidura.com.br/biblioteca-juridica/artigos/filosofia-do-direito/338120-o-que-e-ser-livre>. Acesso em: 01 jun. 2022.

Síntese Biográfica de Janice Marés Volpato

Janice Marés Volpato nasceu em Mafra SC. Reside em São José - SC. É Graduada em Biblioteconomia pela UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA-UDESC, onde também é Pós Graduada em Especialização em “Metodologias do Atendimento da Criança e do Adolescente em Situação de Risco”. É Membro das academias de letras: Governador Celso Ramos, Biguaçu, Academia de Letras do Brasil de SC e da Associação dos Escritores da Região da Grande Florianópolis. É artista plástica e escritora. Tem participação em várias Antologias das Academias de Letras que pertence. É Parapsicóloga Clínica do Sistema Grisa e desenvolve seu trabalho no IPE – Instituto José Berkenbrock, no atendimento a situações de dificuldades pessoais, sociais, profissionais e casos específicos como depressão, ansiedade e síndrome do pânico, com a metodologia do Sistema Grisa, a qual proporciona uma melhor compreensão do ser humano como um todo e que resulta em grande transformação.

Cadeira nº 10 – Patrona: Alaíde Sardá de Amorim

Alaíde nasceu em Biguaçu – SC, dia 14 de março de 1909. Em 1927 formou-se no Curso Normal no Colégio Coração de Jesus e também em Contabilidade. Exerceu o magistério por mais de 30 anos, educando várias gerações. Publicou o livro “Turismo a dois”, um relato de viagens pelo Brasil. Edição Particular.

Foi Presidente da Associação Catarinense de Professores e Presidente da Casa da Amizade, das esposas dos Rotarianos do Estreito - Florianópolis – SC. Foi classificada em 2º lugar no concurso “Saúde de Ouro na Idade de Ouro”, com o soneto “Envelhecer”. Colaborou na Antologia Vozes Catarinenses. Colaborou na 1ª Antologia Poética da Associação dos Cronistas, Poetas e Contistas Catarinenses - ACPCC. Colaborou em torno de umas 40 Antologias. Foi Sócia atuante da Associação dos Cronistas, Poetas e Contistas Catarinenses - ACPCC e Membro da Academia de Letras “São João Evangelista da Barra de Biguaçu”, onde ocupou a cadeira de n.31.

No ano de 2013 foi homenageada pelas amigas, Dalvina de Jesus Siqueira (Estrela) e Osmarina Maria de Souza (Luzmarina) com o livro intitulado “Alaíde a Imortal”, do qual tive a honra de participar com elas na organização do mesmo e nas considerações finais, justamente por ela ser minha Patrona na Cadeira de nº 10 da Academia de letras de Biguaçu. As informações sobre Alaíde foram obtidas por meio de colaboração das Fundadoras da Academia: Dalvina de Jesus Siqueira e Osmarina Maria de Souza.

William Wollinger Brenuvida

Cadeira nº 11



Luto pela vida

Ariadne

A cada vez que a vida tirava algo de Ariadne, ela simplesmente arranjava mais um gatinho perdido na rua. Era um jeito de compensar a vida pelo desconforto de não abreviar o caminho. Assim, ela ia despintando a morte. Ela resolvera ficar nessa vida até que os bichinhos tivessem teto e comida, um quintal para brincar, remédios e algum carinho. Porque toda vez que ela decidia passar dessa para uma melhor, acontecia um desses lances do destino, interpretado como intervenção da providência divina ou ação de algum vizinho desalmado que largava mais um bichano ou um patudo na porta da casa. E o ciclo recomeçava. Havia assim, de algum modo, um acordo com o tempo. O tempo fingia que corria atrás de Ariadne, e Ariadne fingia dar azo ao tempo. Os dois se entendiam bem, e por mais que isso, lá de vez em quando, a lembrasse que um dia quisera partir, ela permanecia. Era assim, desse jeito, um pouco desajeitado, que tudo mais se tornava subsidiário, o trabalho, as contas do mês, as erupções do Sol, as fases da Lua, o vento naquele imenso litoral. Então, numa tarde serena de Outono, nem quente e nem fria, ela se sentou na varanda e ouviu uma canção do *Legião Urbana*. Ela recebera uma mensagem motivacional que lembrava o céu e o inferno, e a barca de Caronte. Irritada, ela jogou o celular na parede. Bebeu um *Dry Martini*, se recostou na velha cadeira de balanço da avó, e o gato angorá acinzentado veio, de mansinho, aquecer seu colo macio. Ali mesmo, ela adormeceu.

Juca Pirama

Juca Pirama dirigia seu carro vermelho conversível a cento e vinte quilômetros por hora numa via que não cabia mais que oitenta. Ouvia no rádio do carro um antigo sucesso do *Belchior*, sucedido por outro antigo sucesso, do *Legião Urbana*. A paisagem o atormentava tanto que ele parecia querer mesmo um cenário de *flashbacks*, e de *frames* que fugiam ao convencional. Estava mais seguro ali. Para onde *Donana* fora, ele não sabia, faltava sempre o bendito pingo no i, o pingo, jamais o acento. Há muito, ele desistira da silhueta da moça. Havia nele uma casa de janelas e portais azuis coloniais abertas, em paredes caiadas de branco, com um aroma terno de manjerico. A procéla no mar dizia que um furacão se anunciava. Ele reduz o ritmo. A respiração é ofegante. Os cartazes se multiplicam à medida que o automóvel reduz a velocidade. Os cartazes dizem em letras garrafais: “*Renove a vacina a cada um ano. A Covid 19 ainda está por aí*”; “*Adquira seu plano funerário. Preços especiais com a Funerária Boa Passagem*”; “*Milhões de mortes poderiam ter sido evitadas. Vote consciente.*”; “*Compre aqui sua nova impressora 3D, e faça máscaras com tecnologia de ponta sem sair de casa.*”. Ele volta à autoestrada. Exclama em silêncio, no italiano dos avós: “*Dio Santo, porca miséria!*”.

Emílio

Emílio abre o jornal. Parece notícia requentada, mas não. A capa do jornal é um *meme* que remete às ditaduras. Ele olha de novo, para anotar a receita do bolo de chocolate com calda caramelizada, e de brinde aprende como fazer *cuba libre*. Recorta o anúncio que o faz juntar cinco pontos para o televisor a cores. Alguém passa por ele e puxa conversa:

- Seu Emílio, o senhor gostou das manifestações de ontem contra o governo? Em cada 10 cartazes, nove falavam das centenas de mortos pela pandemia.

- Ora, rapaz! Não me encha os pacovás, não existe pandemia, vírus e essas manifestações contra o governo são balelas. Aliás, o governo é tão bom que já estamos assim há 20 anos!

- Vou abrir meu celular *pro* senhor ver. Aqui estão os jornais estrangeiros, e todos eles mencionam as manifestações, seu Emílio. Não são balelas como o senhor diz. São centenas de mortos pela pandemia, seu Emílio. O senhor não sente luto dessas famílias?

- Luto? Quem é que se importa? Morreu, morreu. São centenas a menos, é mais economia para o país. Esses velhos e aleijados sustentados pelo governo, é menos um problema. E manda esses desocupados trabalhar, moleque. O campo

precisa de gente, a indústria tem que produzir, e a turma do *mimimi* só reclama! Que luto, o que! Vão trabalhar, cambada de vagabundos. Comunas! Aproveitadores dos programas sociais! O presidente está certo: “O trabalho liberta”.

- O senhor vai ganhar o televisor a cores desta vez, seu Emilio? É a décima vez que o senhor tenta concorrer, e o senhor já está ficando de cabelos branquinhos. É uma pena que o senhor não respeite a dor do próximo, o luto dessas famílias.

- Meu filho, essa gente toda, eles iam morrer de qualquer jeito! Você não enxerga? É menos trânsito na rua, menos gente incomodando na porta pedindo dinheiro e comida, é mais espaço nos bancos e supermercados. Eu ligo pra pedir uma pizza, e vem rapidinho. Se eu quero uma menina, escolho no celular, pelo aplicativo. Nem preciso me preocupar, decido se quero jantar ou almoçar com ela, ou levar pra casa. É ponto. Se vocês não querem tudo isso, toda essa facilidade que o sistema nos proporciona, que vão procurar outro lugar para viver. E já se acostume porque aqui, é assim. Eu pago, eu tenho. Eu tenho liberdade para pedir e conseguir o que quiser, e deu.

- E o sentimento dos outros, seu Emílio? O que se faz? A gente vende também?

- Sentimento é pra idiota que fica pensando demais no outro. Olha aquele cara ali, andando com seu belo conversível vermelho. Você acha que ele está preocupado com alguma coisa? *Merda!* Deixa de ser babaca, moleque. Olha o conselho que eu te dou, aproveite a vida que ela é uma só, e mesmo que tenha outra, depois se resolve. E não me encha o saco com pandemia, com vírus, com *mimimi*. Isso nada existe, é uma propaganda da China para eles tomarem a Amazônia. Daqui a pouco, eles colocam um chip em você, e pronto.

Juca Pirama

Juca Pirama pega a autoestrada e acelera um pouco, sente o ar entrando nos pulmões, os cartazes vão ficando para trás. Ele não corre mais como antes. Acha que pode chegar até a praia. Então, Juca Pirama, vai mais devagar. O rádio do carro toca um antigo sucesso do *Legião Urbana*, *O descobrimento do Brasil*, e a melodia o envolve, ele canta e ri desengonçado porque não costumava rir. Então, a música é interrompida para noticiar o número de vítimas da pandemia. Juca Pirama pensa no evento. O noticiário avisa, também, que haverá um furacão no litoral para as próximas horas, e ele ri diante da vida. As janelas do conversível estão abertas, e Juca fecha a capota, mas deixa os vidros abertos. Ao longe ele avista a praia, e se imagina correndo na areia, dançando na água. É quando algo o acerta em cheio na cabeça. Nem é possível pensar naquele pardalzinho,

que acidentalmente invade o conversível vermelho, agonizado, fugindo de um gavião do mar.

Ariadne

Caronte apressa a barca. Com o remo toca as estruturas do Hades e dos Campos Elíseos, e com o gancho em formato de fateixa ele prende a barca junto a Mnemosine, Hades e Atena, sob os olhos furiosos de Zeus. Então, Caronte faz um gesto brusco e indelicado em direção a Atena e entrega a ela uma moeda brilhante que serviria de empenho ao pagamento da dívida dos mortos e dos vivos. Ariadne estica o novelo de lã de carneiro. As moiras encantadas não o querem cortar. Ariadne observa, taciturna, a paisagem do Hades, seu manto vestal está rasgado. Há pegadas na areia diante do terreno vazio, o forte aroma de hortelã-roxa se confunde, agora, com o aroma do manjerico. Está frio e cinza. As canoas bordadas retornam à praia após o lançamento das tainhas. Seus pés estão dormentes, e a boca amarga. De repente uma sensação de êxtase e liberdade jamais experimentada. De repente uma sensação de dor lancinante.

Ariadne acorda dois dias depois debaixo de uma laranjeira-cravo.

Síntese Biográfica de William Wollinger Brenuvida

Jornalista, Doutorando e Mestre em Ciência da Linguagem, com formação jurídica e comunicação social. Premiada em concursos literários regionais, nacionais e internacionais, representou o Governador Celso Ramos num encontro internacional de escritores, em 2015, em Trento, Itália. Publicou trabalhos científicos, culturais e literários, entre os quais “7 contos da resistência” e “Para além do crivo: circulação de sentidos na prática de mulheres em Ganchos/SC”. Membro das Academias de Letras de Biguaçu, Governador Celso Ramos e Nova Trento, é também membro do Instituto de Genealogia de Santa Catarina (INGESC), do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC), e da Casa dos Açores de Santa Catarina. Ajudou na fundação do Comitê das Bacias Hidrográficas dos Rios Tijucas-Biguaçu, do Coletivo Memória, Verdade e Justiça que subsidiou os trabalhos da Comissão Nacional da Verdade, e atuou na reestruturação da APAE de Governador Celso Ramos, e na construção do atual edifício da Escola de Educação Especial. Delegado Catarinense na 1ª Conferência Nacional da Cultura em Brasília-DF (2005), é pela segunda vez Secretário Municipal da Comunicação em Governador Celso Ramos-SC. ganxos.mar@gmail.com

Cadeira nº 11 – Patrono: Juvêncio Araújo Figueredo

Poeta, jornalista e promotor público catarinense (N. S. do Desterro, 27.9.1865 – Florianópolis, 6.4.1927). Tipógrafo, passando posteriormente a colaborar em vários jornais do país, viveu alguns anos no Rio de Janeiro. Importante poeta, foi contemporâneo (e amigo) de Cruz e Sousa, Virgílio Várzea, Santos Lostada e Horácio de Carvalho, grupo de beletristas. Da volumosa obra, se destacam: *“Madrigais”* (1888), *“Ascetério”* (1904) e *“Praias de Minha Terra”* (1927) e *“Novenas de maio”*. Fez parte da Academia Catarinense de Letras (cadeira 17). Militante do Partido Liberal, foi promotor público, secretário da Municipalidade em São José, e secretário da Assembleia Legislativa de Santa Catarina. Médiun, conselheiro e divulgador da doutrina e da literatura espírita. Há uma rua em São Paulo com seu nome, e em Florianópolis.

Ana Cristina Lavratti

Cadeira nº 13



Sobre um amor sem sombras

O amor não é fácil. É fábula!
E só funciona quando jogamos do mesmo lado:
superando cada entrave,
mirando sempre a mesma trave,
cedendo o passe ao outro
em generoso conclave.



Pra ser correspondido
o amor não pode ser mudo.
E só com amor-próprio
ele transmuta
em amor mútuo.



O amor pode dar asas ou ser âncora,
arremeter ou arrefecer,
e nem sempre
vamos perceber a diferença
antes de padecer.



Amor é como a maré.
Tem dias de alta, dias de baixa,
em que acalma ou sobressalta.
Tem dias que é manso e dias revoltos.
Mas sempre que a onda chega ao topo,
somos a bóia um do outro.

O necessário cabe na nécessaire

Na matemática da vida,
com mais dores que eu queria,
mais amor do que previa,
aprendi que a conta fecha.
Tensa-intensa-sempre certa.



Quanto mais eu cresço,
mais eu me convenço
que o nosso carimbo,
o que nos torna genuínos,
são os pequenos gestos
ao longo do caminho.



O cabide da inveja dispensei sem valia.
A gaveta da insegurança esgotei à atrofia.
Do jugo das joias aceitei a anistia.
O necessário coube na *nécessaire*:
a gratidão que enobrece,
o amor que entenece,
a fé que inebria.



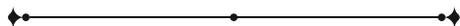
Com mais versos, menos adversidades,
desindexando a alegria da propriedade,
jurei devoção ao meu condão,
meu dom, real realização.
Alforriada feito fada,
fiz da leveza uma lei.
Então alada... voei.



Se o ponto encerra a sentença,
quero uma vida com mais vírgulas.
Eu, você, não importa quem vença.
Nada começa ou termina aqui.
É sempre o *continuum* do que vivi.

**Como os sonhos nos acordam,
desafios são um acórdão**

Assim como o fruto que amadurece,
ou a fúria, que lentamente arrefece,
passo a passo, respeitando o compasso,
o tempo apaga o que não tem cura.
Nem a pior dor perdura.



Ser capaz de vencer
exige condensar em cada dia
toda a força do meu ser.
Aceitando os reveses,
enfrentando os entraves.
E amanhã? Tudo outra vez
Só vou ajustar meu Norte
se eu souber o que me move.
Desviar do que alicia. Deixar só o que sacia.
Aquilo que corresponde a quem sou, *my soul*.

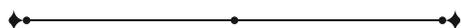


Se eu virar as costas
pr'aquilo que importa,
vou colher em outra horta
o que outro já plantou.
O que murchou. O que sobrou.
Ser autêntica, diferente,
exige regar as próprias sementes.



Se em vez de pirar escolho res-pirar,
priorizar o permanente sobre o urgente,
o que me convence sobre o conveniente,
me torno signatário do maior ofício do mundo:
gerir meu mundo, ciente e eficiente.

Como os sonhos nos acordam,
desafios são um acórdão.
A sentença pró-mudança.
E é assim que a gente avança.
Ajustando corpo e mente...
ao que desejo que ali adiante
seja melhor ou diferente.



Todos os dias tenho a chance
de aceitar a sina imposta
ou proclamar uma reviravolta.
Trocar o que tinge a flor de espinho
pelo que cinge de amor o caminho.

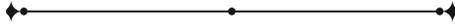


Se eu me cobro e me encolho a cada pequeno erro
declino do poder que teria ao meu alcance.
Mandar em mim com afeto; essa é a minha chance:
escolher as palavras com que falo comigo,

deixar de ser carrasco e me tratar como amigo.
Trocar a autocrítica pelo tom de conciliação,
tentar pinçar o fato entre tanta fabulação.
Só com mais acolhida e menos comparação
a vida vai condizer,
comprazer àquilo que eu posso ser.



Seja o que deseja.
Com âncora, ninguém veleja.
Conhecer-se é convencer-se
que SE AMAR
DESAMARRA.



Você mulher,
eu, mulher,
toda mulher
pode vergar, mas não deforma,
pode falhar, mas não se conforma,
mesmo suave, sempre valente,
tão igual, tão diferente.
Você, mulher, polivalente,
nunca, nem tente
imitar ou repetir,
encolher ou desistir.
Seja quem deseja ser.
Daí aflora o seu poder.

Síntese biográfica de Ana Lavratti

Jornalista e Mestra pela UFSC, Ana Lavratti tem 30 anos de experiência em TV, jornal, assessoria de imprensa e produção literária. É autora de 9 livros, incluindo “Você Mulher Ainda Melhor”, vencedor do Prêmio Catarinense de Literatura, concedido pela Academia Catarinense de Letras na categoria Crônicas. Também é autora de 13 cases sobre mulheres empreendedoras premiados pela ACIF, ACIJ e SEBRAE. Aprovada pelo Edital Aldir Blanc de Incentivo à Cultura, lançou “O Patinho Feio – adaptação para 2022”, e usufruindo do livro como material didático, já conduziu 14 oficinas de contoterapia.

Sua trajetória profissional inclui coberturas no exterior, cerimonial para a presidência da república e transmissões ao vivo, pela Band, para todo o Brasil. Como porta-voz da força feminina, vem conquistando cada vez mais espaço no mundo real e digital, pelo instagram @Ana Lavratti. Também é palestrante de superação e conduz, desde agosto de 2022, o programa Você Mulher Ainda Melhor, na rádio Guarujá.

Cadeira n. 13 - Patrono: Fritz Müller

Em 2022 comemoramos o bicentenário de Fritz Müller. Nascido na Alemanha há exatamente 200 anos, em 31 de março de 1822, Fritz Müller estudou ciências naturais, matemática e medicina antes de migrar para o Brasil. Casado, com uma filha, instalou-se na colônia que viria, um dia, a ser Blumenau. E foi ali, conciliando o trabalho na lavoura e as pesquisas que o fariam merecer de Charles Darwin o apelido de “Príncipe dos Observadores”, que se tornou escritor: de cartas, relatórios e do livro “História natural de sonhos”, com 12 poemas sobre plantas e animais, das formigas sob a terra às gaivotas que planam no céu.

Ao receber a versão em alemão da bíblia da biologia, “A origem das espécies”, Fritz Müller passou a se corresponder com Charles Darwin, compartilhando os frutos de sua pesquisa. Durante 17 anos, nem a impossibilidade de ler, pela fragilidade imposta pela doença, impediu o autor da teoria da “seleção natural” de nutrir este vínculo, a ponto de merecer um livro em sua homenagem. “Para Darwin”, escrito por Fritz Müller, ganhou edições em alemão e inglês antes de ser traduzido para o português. Ao falecer em 1897, aos 75 anos, tendo vivido no Brasil por 45 anos, o Naturalista Viajante a serviço do Museu Nacional deixou um extenso legado, com cerca de 250 artigos cultuando nas entrelinhas um valor tão caro e necessário na selva competitiva em que vivemos hoje: o espírito de cooperação.

Dalvina De Jesus Siqueira

Cadeira nº 14



Quem é você

Você é aquele pedaço de terra verdejante, coberto por belíssimo céu azul e que tem verdes mares bravios. Tem luar do Sertão, brasileiro, tem Aquarela do Brasil, samba no pé, mistura de raças, carnaval. Tem gente valente, cidades, favelas, e tem bolero, valsa, rock, e samba canção. Você é aquele monstro cheio de esmeraldas, belos rios, cachoeiras, praias e sertões. Você tem montanhas, Cristo Redentor.

Tem Drummond, Jorge Amado, Caetano, Fafá de Belém.....

Tem índio, negro, mulatas lindas de viver. Tem cheiro de dendê nas ruas de Salvador, farinha de mandioca, polvilho, tapioca. E tem um povo feliz hospitaleiro, acolhedor, que é o verdadeiro brasileiro.

É o Brasil de um povo cheio de esperanças, é o chão fértil que nos viu nascer, que no sub solo tem lençóis de água potável, cristalina, fartura, tem Vitória Régia no Amazonas. E tem também, tenho certeza, muito Petróleo.

Tem Serra Pelada, quanta gente escavando a terra, procurando ouro. Tem neve e geadas no Sul, tem muito sol que faz amadurecer as belas maçãs, tem laranjeiras, tem uma biodiversidade a toda prova e que só falta saber explorar e saber aproveitar.

Este é o meu Brasil, composto por vários Brasis, várias maneiras de falar, vários costumes, vários Fusos Horários. Tem norte sul, leste oeste, planaltos e

planícies, querências, chapadões. Rios e mar. Rico na História e no Folclore, desde o Bumba meu Boi, Cacumbi, Pau-de-Fita, o Terno de Reis. Tem serenatas
É o gigante adormecido em berço esplêndido esperando apenas um acorde, para despertar e se redescobrir.

E este gigante está de aniversário no dia 7 (sete) de Setembro deste ano de 2.mil e vinte e dois. Faz duzentos anos da Independência deste Herói Brasileiro. É o nosso Brasil fazendo aniversário. É uma grande Glória. Não tem rival, porque é nosso.

É meu, é teu, é do pobre, é do rico, do moço e do velho e do neném que acaba de nascer.

Duzentos anos de muitos sacrifícios, de muito trabalho, doenças, pandemias, formas de governo, mudanças nas Leis.

Este é o nosso Brasil. Quando fez 100 anos da Independência, o meu Bisavô paterno que havia sido Prefeito desta nossa cidade, que pequena, mas grande para nós brasileiros, Ele, o Sr. João Nicolau Born já havia falecido com apenas 65 anos de idade. Mas a festa que ele havia programado para o dia dos CEM (100) anos da Independência do Brasil, foi organizada pelos seus filhos e netos.

Duzentos anos da nossa independência, ano 2.022 e o dia é 7 (sete) de setembro. Estamos no Terceiro Milênio, é um festival de Glórias.

É o Brasil que nós amamos e que entre erros e acertos, veste-se de roupa nova, punhos, colarinho, gravata, terno e sapatos brancos, para cortar o imenso bolo feito Pirâmide, e deixar que se misturem as camadas, num delicioso recheio de sabores, com gosto de AMOR.

E este é o meu Brasil, E eu gostaria de poder cantar os versos deste poema que fiz para você Brasil.

Síntese Biográfica de Dalvina De Jesus Siqueira

Data de nascimento. 23 de agosto do ano de 1929.

Filiação: Octávio Clemente Martins e Maria Martins.

Naturalidade: Biguaçu, Grande Florianópolis, Santa Catarina.

Nacionalidade. Brasileira.

Administradora Escolar, Aposentada por tempo de Serviço no Magistério Catarinense por 44 anos de serviço

Curso de Pós Graduação em Administração Escolar UDESC.

Especialista em Assuntos Educacionais E.A.E.

Obras e participações na Literatura:

1995. O Décimo Segundo. Poesias

Constelação. Poesias.

1998. Constelação Poesias.

2000. Biguaçu, eu te amo. Breve relato sobre Biguaçu.

2001. Biguaçu eu te amo II.

Participações em Antologias.

Menção Honrosa na Fundação Viva a Vida.

Livros atuais: Tempo de Espera. O velho sino a tocar no ar. Concerto para uma nota só e A Educação no meu ponto de Vista.

Cadeira nº 14 – Patrono: Geraldino Atto De Azevedo

Geraldino Atto de Azevedo nasceu no dia 22 de maio de 1885, Ribeirão do Meio, Camboriú, onde também haviam nascido os seus pais, e faleceu no dia 30 de janeiro de 1947 na cidade de Biguaçu.

Deixou os seguintes filhos: João Brasil de Azevedo, Pedro José de Azevedo (falecido), José Esperidião Azevedo, Maria Madalena e Maria de Lourdes Azevedo, esta última falecida.

Ao poeta, cabe sempre o direito sagrado de sonhar, e o nosso herói, foi um grande poeta e sonhador. Em tudo ele via poesia, de tudo ele fazia os seus versos, era um amante apaixonado das coisas belas da vida.

Nunca publicou um livro, apesar de que os seus sonetos, poemas, respingos e crônicas foram sempre publicadas nos principais jornais do sul do país.

Seu Geraldino, pseudo-denominava-se “GÊDO”. E ali, atrás daquele balcão, seu Geraldino dava vazão ao seu sentimentalismo poético, ao seu romantismo, e sua invejável veia poética trabalhava incansavelmente para provavelmente deixar para a posteridade estes belos sonetos que estão tomando corpo no Memorial Gêdo.

Carlos Antônio De Souza Caldas

Cadeira nº 16



200 anos de Independência do Brasil e suas considerações

Um grito proclamou a independência do Brasil e o país deixou de ser colônia de Portugal em 1822. Neste ano, comemorou-se os 200 anos de independência, há muitos gritos calados, de muitos brasileiros que buscam diariamente sua independência. Para quem? E quais os gritos são esses?

O grito do trabalhador desempregado, do trabalho na informalidade, do agricultor sem-terra, da Amazônia desmatada, do povo no grau de pobreza extrema, da família sem teto. Do grito da criança sem escola, do jovem sem perspectiva do futuro, da mulher ameaçada, da periferia esquecida pelo poder público.

Os gritos da vida dos indígenas contra grileiros e garimpeiros ilegais que invadem suas terras. Os gritos dos idosos esquecidos que necessitam de atenção e cuidado.

Grito da mãe natureza, nossa casa comum, que não suporta tanta destruição. O grito pelo fortalecimento da democracia e por eleições de mãos limpas.

A extensão territorial do Brasil é grande, são muitos gritos, muitos gemidos, de pessoas que não conseguem expressar sua dor. Como dar voz a esses gritos?

A constituição federativa do Brasil de 1988, data vênua, está à disposição para seguirmos o estado democrático de direito, depende dos poderes constituídos, e nos orienta como seguir e ao encontro desses gritos.

Sem dúvidas, isso trará muitas respostas para nossa existência, pois, trata-se de um encontro com Cristo: Encontrar os pobres permite acabar com tantas ansiedades e medos inconsistentes, para atacar aquilo que verdadeiramente importa na vida e que ninguém nos pode subtrair ou roubar: O amor verdadeiro e gratuito.

Na realidade, os menos favorecidos pela sorte, antes de ser objetivo da nossa esmola, são sujeitos que ajudam a libertar-nos das armadilhas da inquietação e da superficialidade.

Em novembro do corrente ano, seu voto representa uma ferramenta indispensável e extraordinária de dar voz aos que não têm, de escolher candidatos comprometidos com a classe trabalhadora, com a vida e com o sofrimento do povo.

Rogamos a Deus, que possamos escutar todos os gritos dos que mais sofrem na hora de votar, a vontade da esperança, para cessar o grito da fome, da saúde, da educação e da moradia, são fundamentos para a construção de um futuro promissor, onde liberdade e democracia sejam mais do que palavras, e se constituem como realidade consolidada.

E que assim seja!

Vamos transformar nossos sonhos

Neste ano após a pandemia, somos convidados a imaginar uma vida melhor com nossos sonhos, nossas transformações e diferenças que buscam tornar o mundo em um espaço melhor.

Estamos aqui e atentos porque queremos transformar um mundo que merecemos, com vida e melhor, um mundo sem fome, que as crianças aprendam a ler e escrever, que o poder público possa chegar aos menos necessitados pela sorte em moradia, saúde para todos.

Não conseguíamos imaginar o ontem, podemos imaginar o amanhã e este é um chamado de oportunidades, de ação. Todos nós temos sonhos, uns pequenos e outros grandiosos, mas agir para realizá-los é uma escolha pessoal.

Quando transformamos nossos sonhos em realidade, provamos que possuímos capacidade para fazer as coisas acontecerem, seja com nossos projetos, ações, em equipes ou em família, estamos contribuindo para que esses sonhos se tornem em realidade.

Qual é o seu sonho? Qual é seu sonho pessoal? Qual o tamanho do seu sonho? De que forma podemos transformar nossos sonhos em realidade e numa comunidade participativa?

Os nossos sonhos como devemos realizá-los: individuais e coletivos. Com nossa diversidade de pessoas, etnias e linguagens, podemos construir tudo o que transformamos ou imaginamos, em pessoas melhores.

Os valores individuais são importantes e essenciais para a transformação e realização. Vamos juntos transformar uma sociedade melhor e vivenciar um mundo melhor, tornando os nossos sonhos em realidade e alegre. E a vida segue!

Síntese Biográfica de Carlos Antônio De Souza Caldas

Acadêmico da Academia de letras de Biguaçu – ALBig- Biguaçu/SC – Cadeira nº 16 – Patrono: Holdemar Oliveira de Meneses.

Acadêmico da Academia de Letras do Brasil – Florianópolis/SC – Cadeira 06 Patrono: Olga Brasil

Mestrando em Direito Canônico

Instituto Superior de Direito Canônico de Santa Catarina

Ensino Médio

Curso Técnico de Edificações – ETFESC

Conselho Federal de Corretores de Imóveis - CRECI nº 5225

Graduado

Pedagogia – FAED/UEDESC

Professor nº 864/85 – DEMEC/SC

Direito – UNIVALI

OAB/SC nº 11.957

Advogado

Pós-Graduação – UDESC - Recursos Humanos

Treinamento RH

Cursos de atualização

Seminários, Simpósios, Palestras nas Áreas:

(Recursos Humanos, Contencioso, Executivo Fiscal, Licitações, Sindicância, Processo Administrativo e Disciplinares e Lei nº 4.320/64 – Informática).

Profissional

- Advogado, Militante nas Comarcas do Estado de SC, Paraná - PR e Rio Grande do Sul - PA;
- Membro da Associação dos Advogados Criminalistas do Estado de Santa Catarina AACRIMESC;
- Conselheiro do Conselho Estadual de Entorpecentes – CONEN - Representando a OAB/SC - 2019 a 2022;
- Membro da Associação Bodes do Asfalto – Fação Florianópolis/SC;
- Conselheiro da 1ª Turma do Tribunal de Ética - TED/OAB/SC – 2021 a 2023
- Conselheiro do Conselho Estadual de Entorpecentes – CONEN - Representando a OAB/SC - 2021 a 2023;
- Livros publicados: Políticas e Administração da Educação - SC – AAESC/ANAIS;
- Antologias da Academia de Letras de Biguaçu/SC - ALBIG, de 2014/15/16/17/18/19, 20/ 2021/;
- “UM NOVO OLHAR” - 2013 – (Crônicas, Contos) - Editora Somar;
- “DUAS RODAS”, rodando pela América do Norte – 2015 – Editora Núcleo.
- Colunista do Jornal Santa Catarina – Região da Grande São José/SC;
- Colunista do Jornal Oi - São José/SC;
- Clube Rotary de Biguaçu Santa Catarina;
- Grande Oriente do Brasil – GOB SC.

Cadeira nº 16 – Patrono Holdemar Meneses

Filho de Ezequiel Silva de Meneses e Otilia Oliveira de Meneses. Formado em medicina pela Escola de Medicina e Cirurgia da Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro, em 1949.

Carreira

Foi deputado estadual em Santa Catarina na 5ª legislatura (1963 — 1967), como suplente convocado.

Referências

De acordo com a grafia antiga, Holdemar Oliveira de Menezes.

Meirinho, Jali: Datas Históricas de Santa Catarina – 1500/2000. Florianópolis: Insular, Editora da UFSC, 2000.

Bibliografia

O patrono, Holdemar Oliveira de Menezes, nesse período, surpreendeu Santa Catarina com suas obras literárias, contos, romances, crônicas e romances:

- 1- Fran Kafka, em seu livro, faz uma crítica da primeira novela, em 1970;
- 2- A coleira de Paggy, conto, em 1972;
- 3- O barco naufragado, crônica, em 1975;
- 4- A sonda uretral, conto, em 1978;
- 5- A maçã triangular, romance, em 1981;
- 6- Os residentes, romance, em 1982 e
- 7- A vida vivida, crônica, em 1983.

Era um escritor à frente de seu tempo, assumiu a direção da maternidade Carmela Dutra, médico ginecologista, nas horas vagas, dedicava-se a literatura, motivado pela luta de um melhor e mais igualitário.

Sérgio Silva Schulenburg

Cadeira nº 18



Antologia da Independência, 2022

A importância da leitura: nenhuma leitura deve ser de má vontade ou de forma indolente. O filósofo Nietzsche dizia que a leitura é o nosso terceiro ouvido, cada frase carrega arte; sem entendimento da frase, perde o sentido. Prestar ouvidos sutis e pacientes as palavras. Não passar os olhos pelas sílabas de maneira displicente e desinteressada, como alguém que, sem tranquilidade, contabiliza as páginas do livro buscando o seu término, como uma conquista vã e sem propósito. Digo isso, porque, especialmente na área da filosofia, é necessário que o leitor reflita, que contemple, que releia o parágrafo na busca do entendimento. Que a leitura da *Antologia da independência* conquiste leitores interessados, que valorizem e prestigiem as antologias e os seus acadêmicos. Vivemos em tempos em que o mundo virtual se tornou mais atraente e fugaz. É preciso o renascer dos espíritos serenos e com sede de conhecimento.

Com base no gancho da sede de conhecimento, gostaria de citar a reflexão de Arthur Schopenhauer, que diz “ler não é conhecer”. Para conhecer, o ser humano deve refletir, produzir e absorver: “A cada trinta anos desponta no mundo uma geração de pessoas que não sabem nada, e agora devoram o saber humano acumulado há milênios. Querem entender de forma rápida e resumida.”

Para o filósofo, ler resulta em esforço; pensar resulta em um esforço ainda maior. Só é possível pensar em profundidade a respeito do que conhecemos. Por isso, deve-se aprender algo. Somente tem conhecimento quem pensa com profundidade.

200 anos da Independência do Brasil: Liberdade na visão da filosofia

1822-2022, duzentos anos da nossa independência. No dia 07 de setembro de 1822, D. Pedro I proclamou o grito de independência às margens do rio Ipiranga, e o Brasil se consolidou como uma nação independente. Episódio que corresponde ao fim do domínio português sobre o Brasil, principalmente nas relações econômicas e políticas.

A palavra **independência** nos remete a ideia de **liberdade**, e neste contexto, gostaria de provocar a sua reflexão, para esse sentimento, que por muitas vezes, não nos parece bem esclarecido. Afinal de contas, o que é **liberdade**?

Antes, porém, acho necessário primeiramente provocar a sua atenção para a filosofia. Por que filosofia? Ora, caro leitor. Sem a filosofia fica complicado despertar a sua curiosidade e reflexão. Introduzir a filosofia de uma forma ativa, como realmente nasceu para ser. Torná-la prática para o cotidiano, dar um sopro de vida. Como diria o filósofo Merleau-Ponty: **“A verdadeira filosofia consiste em reaprender a ver o mundo.”**

No que diz respeito à liberdade... o que é a **liberdade** para a filosofia? Significa o direito de agir segundo o seu livre arbítrio, com a própria vontade, desde que não prejudique outra pessoa. É a sensação de estar livre e de não depender de ninguém pra nada. **Liberdade é a independência do ser humano**, o poder de ter autonomia e espontaneidade.

Schopenhauer, em sua obra acerca da liberdade e da vontade, explica que existem três tipos de liberdade: **física, intelectual e moral**. Para o filósofo, o livre arbítrio é a liberdade de indiferença, na qual a vontade livre do ser humano não é determinada por qualquer razão ou motivo, ou seja, Schopenhauer acreditava que a vontade é uma força monstruosa e irracional própria do EU, desprovida de conhecimento, uma causa em si mesma, sem fundamento, possuidora de um infinito desejo de afirmação. Vontade é o que faz as aves migrarem e os animais acasalarem, um instinto. Ao contrário dos animais, o homem tem consciência da sua vontade, ou seja, metaforicamente, a vontade é um cego que carrega um aleijado que enxerga nas costas; o aleijado que enxerga, é a nossa consciência.

Acredito que você deve ter ficado confuso. O tema da antologia é a independência. Falamos sobre a liberdade, e na sequência, sobre a vontade. Como assim? Ora amigo leitor, a vontade é o sentimento intrínseco à liberdade. Quantas vezes você quis fazer algo por vontade e não teve a liberdade de agir?

Vamos conhecer outras liberdades: **genuína e ilusória**.

- **Liberdade genuína:** é você ter um caminho determinado, sem deixar se levar pelos desejos, ou seja, ter uma direção, um controle da sua vida.

- **Liberdade ilusória:** é você dar vazão aos seus desejos aleatórios, ou seja, ausência de direção.

Vamos citar o filósofo Platão, *A alma humana, o cocheiro e os dois cavalos*. Platão dividi a alma humana em três: o cocheiro e dois cavalos. Um cavalo era bom, o outro, mau. Vamos explicar.

O cavalo bom é ereto, tem um pescoço alto e um nariz aquilino. De cor branca e olhos escuros. É amante da honra, modéstia e temperança, é glorioso. Não precisa do toque do chicote, é guiado apenas por palavras e admoestações.

O cavalo mau é um animal desajeitado, torto. Com um pescoço curto, rosto achatado e uma cor escura. Olhos cinzentos. Companheiro da insolência e do orgulho. Com orelhas peludas e surdas, dificilmente cedendo ao chicote e à espora.

Em outras palavras, Platão diz que a alma humana pode ser comparada a uma biga com cocheiro, puxada por dois cavalos voadores, sendo um claro e o outro escuro. O cavalo claro é nobre e obediente; o cavalo escuro é de raça ruim e desobediente. Tal diferença traz dificuldades para o cocheiro conduzir a biga.

Fazendo uma relação dessas três partes com o mito do cocheiro, podemos fazer a seguinte associação: a parte racional se refere ao cocheiro; a parte irascível (impetuosa) se refere ao cavalo claro; e a parte concupiscível (apetitiva) se refere ao cavalo escuro.

O cavalo escuro é mais arredio, difícil de controlar. Muitas vezes somos levados por forças de desejos e vontades. Quem nunca comeu ou bebeu demais? Mesmo a nossa “**voz interior**” dizendo que já era hora de parar? Exemplos vão ao infinito.

O cavalo claro é obediente, disciplinado. Apresenta um instinto de autopreservação. Sua “**voz interior**” diz: faz isso, ou aquilo, porque é correto agir assim.

O cocheiro é a parte racional, sua função é a de pensar e controlar os dois cavalos. Em outras palavras, o cocheiro é a nossa “**voz interior**”.

Qual a conclusão das duas liberdades, segundo a filosofia?

A **liberdade ilusória** é a causa das nossas angústias. Quantas pessoas são levadas por facilidades? Agindo de forma oportunista para obter algum tipo de vantagem ilícita e acabam se prejudicando? Quantos querem aproveitar a vida sem respeitar os limites? E acabam se afundando em desilusões e devaneios? Então, achar que temos **liberdade ilusória**, que nos leva a sofrer, não é **liberdade**. Por outro lado, a **liberdade genuína** é a do agir bem, pensar antes de agir. Levando em consideração as consequências e agindo com prudência, sem prejudicar o outro; sem querer levar vantagem ou se sentir superior.

Para finalizar sobre o tema **liberdade**, vamos refletir a citação do filósofo existencialista Jean Paul Sartre: “O homem está condenado a ser **livre**, uma vez jogado no mundo, ele é responsável por tudo que faz.”.

Não temos controle sobre onde nasce, em que época, ou classe social, nem controle sobre as pessoas que nos cercam. Assumir responsabilidades é angustiante, porque o ser humano se inventa e se constrói enquanto age no mundo. Nossas próprias escolhas determinam a nossa essência. Para o filósofo, não existe a ideia de natureza humana, o homem é um projeto em eterna construção, ou seja, nossas escolhas geram ações e consequências. Sendo assim, a **liberdade** de escolher e agir gera consequências.

Lógico que as reflexões expostas são de cunho filosófico. O tema, em questão, não tem o propósito de gerar nenhum juízo de valor. Todas as crenças, opiniões e religiões devem ser devidamente respeitadas.

Caro leitor, finalizo a minha antologia com os seguintes desejos:

1. Por um instante eu tenha conquistado a sua atenção.
2. Por um instante eu tenha despertado o seu interesse.
3. Por um instante eu tenha feito você refletir.

Se estes instantes valerem a pena para você, só tenho a agradecer, pois esse foi o meu maior objetivo.

Gratidão.

Síntese Biográfica de Sérgio Silva Schulenburg

Sérgio possui conhecimento em filosofia educacional. É administrador de empresas e empresário há 35 anos.

- Consultor empresarial
- Escritor
- Professor
- Graduado em administração
- Pós-graduado em docência do ensino superior
- Pós-graduado em marketing empresarial
- MBA em gestão de pessoas

Autor de três livros com temas filosóficos, sendo duas obras prefaciadas pelo filósofo e professor renomado Clóvis de Barros Filho.

O degustador de pamonhas: reflexões sobre a essência da vida. Publicado pela editora Página 42, 2016.

O tempo deixou marcas em meu rosto: reflexões sobre o tempo e o vazio. Publicado pela editora Página 42, 2017.

O perseguidor de cenouras: desejos como fonte da vida. Publicação independente, 2021.

As obras de Sérgio Silva Schulenburg trazem reflexões profundas a respeito da natureza humana. Amparado por um vasto repertório literário e de pesquisas, na área da psicologia, consegue, de forma didática e com uma linguagem direta sobre o cotidiano, despertar o interesse do leitor para desvendar os labirintos da psique humana.

Cadeira nº 18 - Patrono: Arnaldo Claro de San Thiago

Escritor, jornalista, historiador, poeta e orador catarinense.

Nascido em São Francisco do Sul, em 01/07/1886. Faleceu aos 92 anos de idade, na cidade do Rio de Janeiro, em 09/04/1979.

Arnaldo Claro fez curso de filosofia e arqueologia. Atuou em funções públicas do estado de Santa Catarina, em que fez parte de diversos órgãos de cultura e arte, no Brasil e na Itália.

Ocupou a lista dos indicados ao Prêmio Nobel de Literatura (1971), indicado por instituições culturais da Itália.

A produção literária de Arnaldo Claro de San Thiago se divide em três fases distintas:

- 1ª fase: lírica. *Prelúdio*, publicado em 1914.
- 2ª fase: simbólica. *Fagulhas*, publicado em 1928.
- 3ª fase: caracterizada pelo enfoque evangélico-religioso, compreende o somatório de toda a sua produção, de 1940-1975.

A obra de maior louvor de Arnaldo Claro de San Thiago é *Dante Alighieri: o último iniciado*, publicada em 1952, em que o autor interpreta o clássico de Dante, sob a visão espírita.

Arnaldo costumava repetir vocábulos como “verdade”, sempre no sentido de “conhecimento” e “perfeição”, como um ideal que orienta.

Osmarina Maria Da Silva

Cadeira nº 20



Os escravos nas minhas lembranças

Muitos amigos me chamam de saudosista e que vivo de lembranças, o que para mim é a mesma coisa, porém creio que tenho minhas razões e até acredito ser um privilégio. Não é qualquer um que pode lembrar tantos momentos do passado, como estes que seguem:

Conheci alguns escravos e posso também dizer que em 2022 poucas são, ainda as pessoas que podem dizer que conheceram uma dessas sofridas criaturas libertas pela Lei Áurea. Eu conheci.

1 – Izabel Ignácia Da Costa, Depois Izabel Ignácia De Souza – Nasceu no dia 21 de novembro de 1865 na vila de Ribeirão da Ilha, na senzala do senhor Caetano, (Segundo informações da Cúria Metropolitana) e faleceu a 15 de fevereiro de 1941 no Morro do Vinte e Cinco, atual Rua Padre Schrader, em Florianópolis. Izabel fora vendida três vezes, sempre para a vila de Sambaqui. Muito jovem sofre muito, apanhou de relho, foi na roça, sofreu castigos, porém na terceira casa não ia mais à roça. Era a cuidadora da filha da sinhá e fazia pequenos serviços dentro da casa grande. Dela ouvi e vi lindas e sofridas histórias do cativo, seus trabalhos manuais e sua habilidade na cozinha. – Izabel casou com Silvestre Pereira de Souza, filho de um comerciante de escravos, teve oito filhos. O mais jovem deles, João Batista, o meu pai. Izabel morava conosco, razão de ter ouvido muitas histórias, inclusive sobre o 13 de maio de 1888, quando foi liberta. Deste dia Izabel me disse: O dia dos escravos não foi o 13 de maio, mas o 14 de maio.

Foi neste dia que ao acordarmos, todos nós vimos que não tínhamos casa para nos abrigar, roupas, para cobrir nossas vergonhas, comida para nos alimentar, nem panela para o almejado feijão, nem trabalho e muito menos dinheiro. (Frase que há poucos dias também ouvi no programa da Fátima Bernardes).

Até então éramos propriedade do senhor e agora nos libertaram e ele, o senhor, não era obrigado a manter o negro que fora sua propriedade, pois o comprara no mercado de negros. Agora teria que pagar pelo serviço deste escravo.

Liberto, agora o negro indeciso se perguntava: Que fazer?

Vir para a sede da vila foi o que resolveram, e trabalhar como jardineiro, carregador, arrumador, lavadeira. Cozinheira, benzedeira e coisas afins. Chegaram e foram ocupando os morros da vila. Morros que hoje são ocupados por mansões, pois o negro, novamente ignorado foi se haver para longe do centro da vila. Izabel fumava cachimbo, trabalhava na roça e no tear, fazendo fios e panos para confeccionar seus saiotos. Virava as tripas da galinha, limpava os pés da ave, enrolava ali as tripas e fazia deliciosos ensopados dizendo: - Isto, minha neta, era o que comíamos na senzala. Para os brancos o peito da ave e da carne de porco, para os negros as tripas, a cabeça, a orelha, os pés os joelhos e todo o resto possível de aproveitar e daí surgiu a famosa feijoada. Jogávamos tudo na panela de feijão, pois o trabalho era muito e o tempo curto.

Lembro Izabel dizendo a meu pai:

Joãozinho venha cachimbar com sua mãe. E os dois sentavam à sombra do pé de araquá fumavam no mesmo cachimbo. (Meditem a cena e sintam o amor de mãe e filho)

Júlia, uma das filhas de Izabel me contou que Izabel casou em 1889 com Silvestre Pereira de Souza, o filho de um senhor de escravos e teve os seguintes filhos – Juvenal (que faleceu na construção da ponte Hercílio Luz), Valentim, Alexandre, Alzira, Alice, Júlia, Maria e João.

Izabel morava conosco, pois meu pai era o filho mais jovem e tive a oportunidade de acompanhar Izabel no local onde hoje temos a Polícia Federal e a OAB (Avenida Beira Mar), e ali ela cortava o capim taboa. Em casa limpava a taboa e punha a secar, depois fazia esteiras.

Com Izabel e minha tia Júlia, fui muitas vezes no final do Pasto do João Carvalho, atual Rua São Vicente de Paula, para colher gravetos, para alimentar nosso fogão. São muitas as histórias vividas com minha avó, mas conheci também:

2 - Tio Vicente - assim chamado por todas as crianças da rua, que pediam sua bênção. Era um negro sarará, muito querido, muito paciente, Não conheci

sua esposa. No entanto, conheci suas filhas e o filho – Bernardo, Donzilia, Olga, Maria Eufrásia, Carmélia, Jovita, alguns deles se cruzaram com minha família.

Maria Eufrásia casou com Alexandre filho de Izabel, Jovita casou com Osvaldo, Vicente casou com Maria, ambos filhos de Alice filha de Izabel, Epton filho de Carmelia casou com Sonilda, minha filha, e ainda uma neta de Olga casou com uma bisneta de Izabel na vila de Sambaqui.

3 – Miguel, ou Tio Miguel para todos os vizinhos. Era amável com as crianças. Era pai do pioneiro naquele morro, o senhor Ramiro Farias, de dona Maria Rita, a tia Bia, para os íntimos e Diva uma vizinha muito querida.

Tio Miguel era benzedor, eu lembro que certa vez benzeu meu pé de um terrível cobreiro.

Tio Miguel Farias era remanescente do Quilombo Farias, no Alto Biguaçu. Com a abolição transferiu-se com os filhos para o Morro do Vinte e Cinco e lá viveu muitos anos.

4 – Demétrio – e sua esposa, um casal amigo de todos do Morro, mas morava no Estreito, em um pasto entre a hoje rua Gil Costa e Barreiros Filho. Para se chegar lá subia-se a Rua Heitor Blum, depois Rua Spivak e aí o caminho para entrada no tal pasto. (Hoje o tal pasto é na realidade a Rua Barreiros Filho, lembro até do portão para o pasto onde em 1948 morava a negra Zulmira) Lá estava a casa do Demétrio que cuidava dos animais de não sei quem.

Demétrio era o CAPITÃO da dança catumbi, na qual alguns ex-escravos ou filhos deste, faziam parte, inclusive seu Ramiro e meu tio Alexandre, Vicente e Lau. Dança que muitas vezes tive a felicidade de assistir. Demétrio era padrinho de meu irmão.

5 – Nicolau (Lau) – Um homem com coração de anjo. Era o negro mais negro que conheci, magro alto, casado com a senhora Zizi e tinha um único filho apelidado de Mazinho. Lau bebia muito, mas chegava em sua casa deitava em uma esteira e dormia sem dizer uma palavra ofensiva a sua Zizi. Era um homem bom, admirado e amado por todos moradores do Morro. Lau, ou o Velho Negro Lau, como era conhecido, creio que tenha sido o maior amigo de meu pai apesar da grande diferença de idade.

6 – Pêdra – Uma escrava alforriada. Trazia o sobrenome de seus patrões “Pêdra Anfilóquio”. Fora escrava do professor Anphilóquio Nunes Pires

Pêdra – amiga de minha avó Izabel, muitas vezes lavava roupa na fonte da bica, porque morava em uma das últimas casas do Morro Nova Trento (atual rua João Carvalho) e era fácil descer e vir lavar e bater papo com vovó e mamãe na fonte da Bica. Pêdra fora na juventude a namorada de Cruz e Sousa, o poeta

simbolista. Quando o poeta foi para o Rio de Janeiro, Pêdra sofreu por longos anos. Casou depois com Belarmino Alexandre Machado, mas guardou por toda sua vida os poemas que Cruz e Sousa fez em sua homenagem.

Creio que dona Marcolina esposa de Ramiro, também conheceu Pêdra, porque como parteira conhecia e atendia muitas senhoras do Morro Nova Trento, e apesar de certa distância a casa de dona Marcolina dava fundos para os fundos da casa de Pêdra, lá no outro morro

AH! Como me lembro de Pêdra, pois com vovó e a prima Diamantina muitas vezes fui à casa de Pêdra.

Muito mais teria que falar, mas fico com a saudade, depois escrevo se o tempo me permitir E a estes heróis o meu agradecimento e um pedido de perdão pelo mal que lhes foi causado pela sociedade, mas também meu agradecimento tardio a Princesa Izabel pela assinatura da Lei Áurea, além do meu orgulho.

Síntese Biográfica de Osmarina Maria De Souza

Natural de Florianópolis. Nascida em 17/11/1929

Co-Fundadora das Academias: de Letras de Biguaçu, ACALLE de São Pedro de Alcântara, São José de Letras, Desterrense de Literatura, de Canto e Letras do CENETI/UFSC, Brasileira dos Contadores de História. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, e da Federação Brasileira das Academias de Ciências e Letras do Rio de Janeiro. Tem oito livros publicados

Poetisa Osmarina@ gmail.com

Cadeira nº 20 – Patrono: João Nicolau Born

Patrono da Cadeira n. 20 da ALBIG, João Nicolau Born filho de prussiano emigrado para o Brasil, nasceu na colônia de São Pedro de Alcântara em 20 de junho de 1846 e faleceu na vila de Biguaçu em 30 de janeiro de 1910. Mudou-se para a Vila de São Miguel. Tornou-se grande agricultor e influente político. Fez grande fortuna e comprou o Título de Coronel da Guarda Nacional. Foi o primeiro Superintendente da Vila de Biguaçu, (Cargo correspondente Prefeito) Com sua influência política conseguiu que o governo provisório, Coronel Moreira Cesar assinasse a lei nº 183 de 22-04-1894, transferindo definitivamente a sede o município para a vila de Biguaçu à margem direita do Rio Biguaçu. Construiu entre outros o casarão Born, hoje pertencente a Prefeitura Municipal que abriga a Casa da Cultura inclusive a Academia de Letras de Biguaçu.

Fernando Henrique da Silveira

Cadeira nº 21



Independência

Ser independente é muito difícil, praticamente impossível.

Como cidadãos, precisamos dos pais, avós, amigos...

Para nos manter, ter liberdade, precisamos ter uma fonte de renda...

... ter uma casa, pagar as próprias contas...

... para sermos parcialmente independentes.

O filho adolescente, por exemplo, tem a sua liberdade, sua independência...

... sempre acompanhada pelos conselhos de seus responsáveis...

Digamos que uma liberdade limitada, independência monitorada...

Que após os 18 anos, com a possibilidade de se manter financeiramente e economicamente, passa a ser LIVRE e INDEPENDENTE...

Na vida, precisamos lutar muito...

Precisamos conquistar um “lugar ao sol”.

Com a liberdade poderemos fazer as próprias escolhas...

Não ficando a mercê da imposição da vontade do outro, não ficando submisso a um terceiro.

Mesmo que possamos ter a sonhada autonomia financeira e econômica...

Mesmo que possamos ter saúde e disposição permanente...

Mesmo que tenhamos boa formação e emprego...

Dependeremos sempre de um bom ombro amigo, um bom conselho, alguém para compartilharmos nossas conquistas e frustrações.

É como um país...

Dependemos de alimentos de outros países...

A importação de combustível e outras necessidades...

Necessitamos firmar e cumprir acordos internacionais...

Garantir a soberania nacional tem um alto preço...

Muitas vezes, a soberania é mantida, infelizmente, com a guerra.

O diálogo, no mundo atual, nem sempre evitam as guerras, fazendo com que a independência de um povo seja mantida com violência, armas e mortes...

Cada povo usa as armas que possui, alguns o poder econômico, bélico...

Manter a vontade popular, os interesses internos, frente à pressão dos blocos econômicos...

Buscar parcerias econômicas e políticas que garantam o respeito à soberania nacional.

Independência em relação aos interesses das grandes potências, que buscam apenas vantagens para os seus países.

Manter sempre o diálogo com todas as nações, evitando conflitos.

Defender a agricultura nacional, a indústria, a exportação de produtos, a garantia de qualidade de vida ao homem do campo.

Defender os indígenas, a floresta amazônica, a mata atlântica, os rios...

Defender o interesse das minorias, preservando os seus direitos e dando permanentemente voz aos seus anseios.

Respeitar todos os tipos de opiniões, pleitos regionais, culturas, religiões...

Independência é ter garantida a expressão cultural.

É não ter espaço para a censura...

É defender as mais diversas expressões populares.

É promover a integração nacional, com respeito às diferenças regionais, características de um país continental.

Independência é não ter fome...

Independência é não ter falta de moradia...

Independência é ter emprego e renda...
Independência é ter dignidade.

INDEPENDÊNCIA...DIGNIDADE...
LIBERDADE...SUCESSO...
VONTADE PRÓPRIA...FELICIDADE...
SOBERANIA...REALIZAÇÃO...

Depende de

PERSISTÊNCIA... TRABALHO...
GARRA... HONESTIDADE...
LUTA... ESTUDO...
IDEAL... UNIDADE...

Síntese Biográfica de Fernando Henrique da Silveira

- Advogado (OAB/SC nº 25.652).
- Funcionário Público Estadual a mais de 27 anos, atualmente atua na Secretaria de Estado da Administração (Perícia Médica).
- Presidente do Conselho Estadual de Entorpecentes – CONEN (gestão 2021 – 2023).
- Presidente do Rotary Club de Biguaçu (ano rotário 2021 – 2022).
- Foi Presidente da Academia de Letras de Biguaçu - ALBIG. Sócio Emérito e Membro da Academia de Letras de Biguaçu (ocupa a cadeira 21).
- Vice-Presidente da Associação Biguaçuense de Radiodifusão Comunitária - ABRACOM
- Pós-graduado a nível de especialização em Direito Penal e Processual Penal, com formação para o ensino superior.
- Formado na Escola de Preparação e Aperfeiçoamento do Ministério Público de Santa Catarina.
- Pós-graduado a nível de especialização em Licitações e Contratos.
- Doutor em Ciências Jurídicas e Sociais.
- Graduando em Administração – UFSC e graduando em Jornalismo – Faculdade Estácio de Sá.
- Foi Professor de Direito em cursos de graduação e sequenciais.
- Conselheiro Titular da OAB de Biguaçu.
- Radialista. Tem dois programas semanais de entrevistas (Biguaçu em Revista e Biguaçu em Debate) na Rádio Biguaçu FM 98,3.

- Participa de entidades filantrópicas e sem fins lucrativos.
- Recebeu o certificado Amigo do Cadeirante (Rotary Club de Biguaçu) e o Certificado Homem Brillhante 2019 (Instituto Articulli e Academia de Letras do Brasil de Santa Catarina).

Cadeira nº 21 – Patrono: Jorge Lacerda

Nasceu na cidade de Paranaguá (20 de outubro de 1914), filho de imigrantes gregos. Ele iniciou seus estudos primários na Escola Paroquial de Paranaguá, em 1922, cinco anos mais tarde, em 1927, ele fez o ginásial no Colégio Catarinense, em Florianópolis.

Jorge Lacerda formou-se em medicina em 1937. Foi jornalista da área de cultura e oficial de gabinete do ministro da Justiça Adroaldo Mesquita da Costa. Em 1940, na Capital da República, ele trabalhou no jornal “A Manhã”.

Bacharelou-se pela Faculdade de Direito de Niterói (RJ) em 1949. Elegeu-se deputado federal pelo PRP em 1950, para a 39ª legislatura (1951 - 1955), reeleito em 1954 para a 40ª legislatura (1955 - 1959).

Em 1945, é candidato a deputado federal por Santa Catarina. Tem boa votação, mas não se elege por não ter a legenda partidária necessária.

No jornal “A Manhã”, funda e assume a direção do Suplemento “Letras e Artes”, em 1946. Com uma nova edição jornalística e abrangendo todas as classes de artistas, o Suplemento “Letras e Artes” representa um marco importante na literatura brasileira.

Assessor do Ministro da Justiça Adroaldo Mesquita da Costa – 1948.

Cola grau na Faculdade de Direito de Niterói – 1949.

Deputado Federal em 1950. Consegue a reeleição em 1954.

Jorge Lacerda se candidata ao governo de Santa Catarina, pelo PRP, novamente em coligação com a UDN, em 31 de janeiro de 1956.

Jorge Lacerda morre aos 43 anos em acidente de avião em Curitiba, juntamente com o ex-presidente e senador Nereu Ramos e o deputado federal Leoberto Leal, em 16 de junho de 1958.

Felipe De Farias Ramos

Cadeira nº 30



Todos os caminhos levam a Santa Maria¹

Em razão da passagem de uma década da tragédia ocorrida na boate *Kiss* --- passava os olhos pelos jornais da época guardados entre meus papéis ---, veio à lembrança a reflexão de Nelson Rodrigues: *O realista ou é um idiota ou é um canalha.*

Nas mencionadas reportagens encontram-se estatísticas, comparações históricas, números e mais números, tudo isso num esforço que tenciona dar aos leitores a exata medida de tudo quanto ocorrido naquela noite atroz. Mas, a despeito desse intento dos jornalistas, desconfio que o fundamental ainda não foi dito. Sem pretender menosprezar o esforço (correto e elogiável) dos repórteres, suponho que, daqui a cem anos, quem esmiuçar referidos textos terá diante de si dados incapazes de revelar o que, de fato, interessa.

É que existem momentos da condição humana --- suas misérias e alegrias, suas letargias e paixões --- que a frieza dos cálculos não consegue revelar. Nesses assuntos, os “idiotas da objetividade” (é novamente Nelson que ecoa em minha mente) traçam observações quantitativas, mas nada dizem a respeito do que importa: o inconsciente doloroso que pesa sobre a alma dos homens.

É então que a arte revela sua propriedade mais decisiva: a capacidade de, superando o que está dado, retratar os mais profundos sentimentos. Ante essas

¹ Crônica que, em sua versão resumida, foi publicada no jornal Diário de Santa Maria (p. 4) em 14/12/2015, menos de dois meses antes de a tragédia completar três anos. O título então manejado foi: *Incêndio da Kiss: o que precisa ser dito*. Agora, publica-se a versão integral do texto.

dores extremas, somente quem se dispuser a superar os fatos poderá revelar a angústia que se instala nas mais insondáveis camadas do pensamento.

De fato, nesses momentos em que a realidade mistura-se profundamente com a dor (ou com algo que está para além dela), é que tem vez o mais desavergonhado desvario, a mais incontida alucinação metafísica – só assim será possível fazer o registro dos sentimentos que ululam entre o consciente e o inconsciente dos filhos de Adão.

Por isso, ousou mesmo dizer: só a insofismável invenção, o delirante roubo artístico pode enunciar o estado dolente instaurado em Santa Maria depois daquela madrugada de horror.

Assim, importa convocar os artistas brasileiros para que, eles sim, expressem o que verdadeiramente se passou e ainda hoje se dá naquela cidade abalada em seus traumas: é tempo de captar o sofrimento das mães inconsoláveis, das avós insones, dos maridos enlutados e das viúvas de olhos aguados. Santa Maria exala sofrimento, em seu rosto ainda rolam lágrimas de sangue, e é perante esse cenário desgraçadamente aterrador que a arte, em seu saudável desleixo para como o “real”, vem à tona com seu fulgor dionisíaco.

Trata-se de fazer um chamamento artístico: é hora de colocar para trabalhar o Dostoiévski adormecido nos romancistas nacionais, o Van Gogh que há em cada pintor de esquina, o Shakespeare escondido em cada cortiço patrício.

Eis, afinal, a minha proposta: uma diáspora artística a Santa Maria – do ponto de vista humano, o decisivo a respeito do incêndio doloroso ainda está por ser profetizado.

Síntese Biográfica de Felipe de Farias Ramos

Juiz Federal substituto – Tribunal Regional da Terceira Região (TRF3). Mestre em Direito pelo PPGD – UFSC (Capes 6);

Vencedor da 2º Mostra de Talentos do Poder Judiciário - TJSC (2009) na Categoria Poesia (3º Colocado). Título: Bilhetinho;

Vencedor da 4º Mostra de Talentos do Poder Judiciário - TJSC (2011) na Categoria Poesia (1º Colocado). Título: Desistência;

Vencedor do 2º Festival de Músicas de Carnaval de São José (2015) na Categoria Marcinha de Carnaval. Título: Santo Carnaval. Obra Publicada em CD organizado pela Fundação Municipal de Cultura e Turismo de São José (acessível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SOj9ZYvfom8>, e aplicativo *Spotify*);

Vencedor do 9º Concurso Literário – Conto e Poesia (Sinergia/CUT - 2017), na Categoria Conto. Título: Desengano. Obra Publicada: Conto e Poesia. 9º Concurso Literário. Comissão Organizadora: Dinivaldo Gilioli, Renato Bilbao Soares, Júlia Martins L. Souza. Comissão Seleccionadora: Amílcar Neves, Elaine Tavares, Paulino Júnior. Florianópolis: Sinergia, 2017, p. 37/42.

Hélio Cabral Filho

Cadeira nº 32



Proclamação da Independência

Proclamo a este povo brasileiro,
Que seja totalmente independente,
Da falcatura do politiqueiro,
De toda a roubalheira inconsequente...

Que venha a guerra - extrema e irreverente -
E faça, nesse ato alvissareiro:
De cada cidadão um combatente,
De cada combatente, um guerrilheiro.

Vamos lutar, de forma patriótica,
Contra essa gente poderosa e torpe,
Banindo essa política caótica.

Com as mãos erguidas e com o peito forte,
As margens dessa classe tão hipócrita,
Soltar o grito: "Independência ou morte!"

Sobre o Patriotismo

Se tratas tua Pátria com respeito;
Se tens orgulho desse teu País;
Agindo em prol da honra e do direito,
Com atitudes nobres e gentis;

Se tens para esse povo um bom conceito;
E, aos desonestos, tens gestos hostis;
És um bom cidadão, um bom sujeito;
És otimista, honesto e és feliz;

Se amas essa terra e esse céu;
E dás, com devoção, a tua cota;
Cumprindo, com valor, o teu papel;

Se tens essa paixão que não se esgota;
Ao teu País, és grato e és fiel,
És mesmo um verdadeiro Patriota.

Aos experts de plantão

Hoje em dia está demais
Nessas redes sociais
É tanta gente entendida
Que ainda discute e briga
Sem ter nenhuma noção
Gente formada em crítica
Com doutorado em política
Economia e gestão

Falam mal de um candidato
Vomitam o desacato
Metendo o pau num partido
Ninguém presta, nada presta
Tanta gente desonesta
Não olham o próprio umbigo
Pois quando trata de si
Tudo pode e até ri
Nunca fica aborrecido

Uma pirataria, um gato
Um jeitinho, um estelionato
Um troco não devolvido
Sempre tem um bom conselho
Sempre mete o seu bedelho
Em quaisquer ocasiões
Sugere o voto consciente
“Ficha limpa certamente
Não vote nesses ladrões!”

Não passa de hipocrisia
Pois sua democracia
São meras suposições
Nem entende o que falou
Pois nem lembra em quem votou
Nas últimas eleições

Gente chata que critica
Condena, desclassifica
O que está ao seu redor
Diz que: “Aquele que se elege
Não presta é ladrão é herege
É um corrupto maior...”
Mas não olha pro focinho
Pois esse seu teatrinho
Sabemos todos de cor
Se fosse ele o eleito
Agia do mesmo jeito
Ou até mesmo pior.

Clama por transformação
Pede justiça e ação
Protesta pelas mudanças
O fim de toda a lambança
Do político imundo
Um povo mais impoluto
O fim de todo corrupto
Do ladrão do vagabundo

Não sou mais do que ninguém
Tenho defeitos também
Mas quero deixar um recado
Pra fechar o fraseado

Que não é nada profundo
É um humilde ensinamento:
Muda o teu comportamento
Daí mudarás o mundo

Síntese Biográfica de Hélio Cabral Filho

Membro da Academia de Letras de Biguaçu desde 2011, onde ocupa a Cadeira 32, cujo patrono é **José Brasilício de Sousa**.

Cronista, poeta, romancista e contista.

Livros publicados: “Sonetos de otimismo e outros Sonetos” - 2009; “Meus sonetos prediletos” - 2011; “Caderno de Sonetos” - 2013; “Só” - 2014; “Nós” - 2016; “Não Leia” - 2017; “Voa!” - 2019.

Atualmente tem mil e oitocentos sonetos (estilo de poesia clássica com catorze versos, com rima, ritmo e métrica), mais de quatrocentas trovas e cerca de duzentas poesias modernas, além de alguns Contos e Crônicas. Tem oito livros prontos para serem editados (aguardando patrocínio – heliocab@gmail.com)

Toda a sua obra pode ser lida no site Recanto das letras:

<https://www.recantodasletras.com.br/autor.php?id=45878>

Também tem diversas poesias declamadas no seu canal no Youtube:
https://www.youtube.com/channel/UCotj2q-jrWYEX8tWiIWqMeg/videos?view_as=subscriber

@heliocabral10

Cadeira nº 32 - Patrono José Brasilício de Sousa

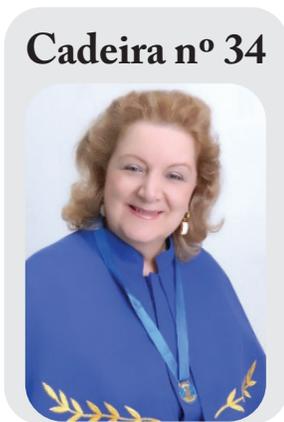
Nascido em Pernambuco no dia 9 de janeiro de 1854, Brasilício era filho do militar José Manuel de Sousa Sobrinho (1817-1895) e Rita Inácia de Sousa (1817-1899). Brasilício era filho único. Os pais, nascidos em Desterro (hoje Florianópolis), eram primos.

José Brasilício foi o autor do Hino de Santa Catarina. A música é sua e a letra foi escrita por seu grande amigo Eduardo Nunes Pires (1845-1902). A música foi executada pela primeira vez em 4 de fevereiro de 1890.

Brasilício morreu aos 56 anos, em 30 de março de 1910, cinco dias depois do falecimento de sua esposa.

Vera Regina da Silva de Barcellos

Cadeira nº 34



Onde está o meu Brasil?

Queremos Paz...
A decência e a honestidade?
Queremos Paz...
A dignidade e o caráter?
Queremos Paz...
Estamos tristes e desolados
Queremos Paz...
Onde está o meu Brasil?
Queremos Paz...
Contaminado pelo Vírus da Corrupção?
Queremos Paz...
Há remédio? Há vacina?
Haverá alternativas?
Choro pelo nosso povo
Valente e altaneiro
Trabalhador e esperançoso
E agora... Estamos de Luto
Para onde vai o Nosso Brasil?

Queremos Paz, União, Liberdade, Fraternidade, Honestidade, Igualdade, Humanismo, Saúde, Educação.... e muito, muito mais para crescermos com dignidade, honestidade, humanismo e igualdade social entre todos.

Temos ainda esperanças!

Queremos Paz...

Nesta data em que comemoramos **o Bicentenário da Independência do Brasil - 1822 a 2022**, segue a minha homenagem em: **Poemas Haicai intitulados: Parabéns ... nosso Brasil**

Gotículas soprando
Nas pétalas caídas
Na beira d'alma! Ilusão...

Jardins de Deus
Florescem crianças
Adultos em desalinhos... perdidos!

Repousa em mim
Alimento e perdão
Jardins a ser preparado... arado!

O girassol da vida
Bateu levemente
Meus sonhos perdidos... criança crescida!

Por que navegas
Nos mares da vida
Espera! Espera... tua rota!

Além de ti
Depois de ti
Nada... sementes!

Viajante

Primeiro voo
Perseguiu floradas... ilusões!

As rochas
Gravei lembranças
No coração... espinhos!

Na quietude da madrugada
Orvalhos...
Choros constantes... criança nascida!

Estrelas para que te quero
Iluminando devaneios
Perdidos... ramas secas!

Solitários caminhos
Setas ao descompasso
Musical em flores... sementes!

Rezei na capela
Madrugadas perdidas
Orações inacabadas... sortilégios!

Lembranças...
Fotografias rasgadas
Um véu de névoas...

Um mesmo céu azul
Sonhos de criança
Doces de abóbora!

Onda verde, mares do sul
Encantam os peixes
Escamas perdidas... da vida!

Um sonho
Na velha casa
Porta fechada... sonhos!

Longe da lida
Garças perdidas
Um rio d'água viva!

Um mesmo mar
Águas a cantar
Ondas... rendas coloridas!

De soslaio
Um olhar solitário
Só... a papoula floresce!

Uma concha do mar
Abriu... timidamente...
Ilusão passageira.

Escondeste
Em forma de poemas
Sombras... noite de lua cheia!

Pequena gaivota
Aonde vais?
Colher amoras em dia de chuva?

Colhes da vida
O lero-lero de cada um
Um guarda-chuva aberto... sorrisos!

O cheiro da grama verde
Sinal de alerta
Da vida... suspeitas!

Vinga em tua haste
O perfil estonteante
Da paixão... hoje, pairando velhice!

A flor do meu outono
Na prece oculta da mente
Quaresma... quaresmeira!

Relembro ainda
Tuas canções ao luar
Lua prateada... arrepios!

O rio corre
Balança tuas recordações
A desaguar no mar da vida!

Lembranças amanhecidas
O Sol já nasceu
Páginas em branco... meu diário!

Dorme criança... dorme
Teu sonho infantil
Brinquedos esquecidos... pesadelos!

Tempestades em rapsódias
Mansas músicas dos tempos
Sonhos e valsas!

Semente deixou no caminho
Grávidas e perdidas
Nas calçadas da vida!

Tardes indecifráveis
Conversas interrogativas
Rosas e espinhos!

Contornos do corpo
Que morto ficou
Nus da cabeça aos pés... buscando perfeição!

Deixei na terra... sementes
Firme o botão... cautela!
Pássaros em voos noturnos!

Que de si mesmo
Nada!
Um voo da gaivota... perdida!

Mares do sul
Mares do norte
Temporal... vidas!

Síntese Biográfica de Vera Regina da Silva de Barcellos

Vera Regina da Silva de Barcellos ou Vera De Barcellos, compositora musical, artista plástica e escritora. Iniciou sua vida literária em 1996, publicando até os dias de hoje:

Literatura Pura: 150 anos de Cruz e Souza, 500 anos Brasil 500 Poemas Haicai, 500 anos Brasil 500 Poemas Breves, Lembranças, Diário de uma alma ainda criança, Na busca o encontro...Mulher, Adolescência Poética, Cores poéticas em teu coração, Na Luz a dor da saudade tua, Colorindo a Vida- arteterapia; Colorindo a Vida- Colorterapia; Colorindo a Vida- Cromoterapia; Literatura Infantil: O Sapo e as Mariposas, O Pássaro cantador, O Pequeno Professor, Elisa a dançarina, A estrelinha Azul, Sapo Jururu, Pedro e a pandorga encantada, As aventuras do Acessinho, Panter amigos para sempre, Os sonhos de Marcela, O grilo Falante, O jacaré tristonho, A boneca Lilica e a gata Amarela, O grilo Falante e os seus amiguinhos na floresta, Sapo Jururu e a orquestra da Floresta; Betina a Ratinha Faceira, Betina na Fazenda, Betina e o Peixinho Vermelho, Betina e a Festa da Páscoa e Betina e a Guirlanda de Natal; Arco Iris da Vida e outros Literatura Sacra: Arpejos dos Anjos, Portal da Luz, Estrelas de amor em teu caminho, Nos caminhos da Meditação, Renascer para a Verdadeira Vida, Um Novo Despertar, Minutos de Paz e de Alegrias, Sementeira de Luz, Vivendo na Paz e na Alegria, Na Plenitude da Luz, Nas Bênçãos de Maria, Caminhos para a Espiritualidade, Mensagens para o Espírito, Sinfonia do Amor Eterno e outros; Em seu acervo literário, mantém cento e vinte e oito Obras Antológicas e Coletâneas sendo vinte e quatro internacionais: Portugal, Suíça, Itália, França, Rússia, Uruguai, Chile, Argentina e com quarenta e duas honorarias entre diplomas, medalhas, comendas, colar e troféus. Hoje faz parte de dezenove Entidades Literárias, nacionais e internacionais.

Entre as internacionais temos: Literarte-Associação Internacional dos Escritores e Artistas, Embaixadora da Paz na Academia de Letras e Artes de Valparaiso, no Chile, acadêmica no Núcleo Acadêmico de Letras e Artes de Lisboa, em Portugal, acadêmica na Divine Academie Française dès Arts Lettres et Culture em Paris-França, acadêmica na Academia de Letras do Brasil/Suíça em Berne-Suíça, Sócia Internacional na Societé Civite Européen des Beaux-Arts (Sociedade Civil Europeia de Belas Artes), associada na Cultive Art Littérature et Solidarité- Genebra-Suíça; Comendadora, Embaixadora da Paz, Acadêmica e Patrona na Academia dos Embaixadores da Paz (como patronímica da OMDDH) da Organização Mundial dos Defensores dos Direitos Humanos e acadêmica no Núcleo Acadêmico da Itália.

Sua alegria é estar junto à sua amada família e netos, explorando suas músicas, literatura e artes plásticas. Comungar dos mesmos objetivos altruísticos, filantrópicos, humanitários e culturais entre amigos e acadêmicos são pontos importantes para maior conhecimento e aprendizado cultural. Assim é Vera de Barcellos.

veradebarcellos@gmail.com.br

www.veradebarcellos.com.br

Cadeira nº 34 – Patrono: Othon da Gama Lobo D’Eça

Othon da Gama Lobo D’Eça nasceu em 3-8-1892 em Florianópolis, e falecido 7-2-1965, também em Florianópolis.

Foi, como jornalista, poeta e ficcionista, tendo sido o maior destaque inicial da Academia Catarinense de Letras, da qual foi o último Presidente de sua fase inicial.

Com vinte anos de idade lançou a ideia de fundar uma Academia de Letras.

Em 1918 lançou seu primeiro livro intitulado “Cinzas e Brumas” e dois anos depois, em 1920, fundou e dirigiu a revista “Revista Terra” com Altino Flores e Ivo D’Aquino, chegando somente até ao número 24.

Neste mesmo ano funda a Sociedade Catarinense de Letras juntamente com José Boiteux e outros simpatizantes da literatura e alguns políticos.

Quatro anos depois, em 1924, passaria a denominar-se Academia Catarinense de Letras.

Escreveu as obras: Os espanhóis confinantes; Centenário de Cruz e Souza; Cinzas e brumas; Cinzas brumas e poemas dispersos, Homens e Algas, Nuestra Senhora de L’Asunción; Terra; Vindita Braba.

Sandra Regina Clara Nepomoceno Pinto

Cadeira nº 40



Encanto Varonil

Libertinagem?
Liberdade?
Liberto?
Livre?
Onde cá estamos?
Onde cá ficamos?
Onde está que não a encontramos?
Oh, liberdade que liberta o teu filho!
Quando verá a rua?
Permita-me fazer dos grilhões a tua saudável armadura?
Ficaria livre fora, mas prefere dentro.
Dentro do ninho e cercado por grades.
Ficaria feliz na rua?
A rua seria a tua proposta.
A rua seria o teu propósito.
Brilhariam como estrela.
Brilhariam como as estrelas.
Muitas delas já brilham a seu favor.
Muitas delas firmam o sentido lírico do viver.
Multidão em frente.

Multidão à frente.
Multidão na frente.
Ergam as correntes.
Deixem nus os ascos.
Sinta o frescor da noite.
A brisa fresca e úmida.
Conta toda a caminhada de tomadas.
Misturam dor e fervor.
Há uma porção invisível que destrói.
Será banida pela travessia oculta?
Perfundida no mais destilado breu?
Sorve as reentrâncias.
Descobre o teu filho amado.
Nunca o deixa só!
Somente a berlinda fere.
A ferida aberta fica num matagal desolado.
Serpenteia o riso das tramas.
Sequer sabe o fruto do vosso frente.
Entrega o que carrega ou mata para si.
A cor pouco importa.
Mas prevalece o rubro.
O encarnado doloroso.
Das trevas aos céus.
Nunca mais serás serena?
A lança lustrosa ficaria encardida?
Seria como uma fonte seca?
Rodeada por energúmenos sutis?
Ainda fala de vertentes,
correntes,
correntezas
e vias duplas.
Falácias e mais falácias.
Num labirinto infame.
Servil e varonil.
Nada e nunca será capaz.
Há paz nas pazes que faz.
Seremos guerreiros e guerreiras para enfrentarmos nossos Eus sonoros.
Oh, Pátria minha!
Oh, Pátria nossa!
Oh, Pátria amada!

Jamais será como dantes.
Será como será agora, neste instante.
O resto será sempre nostálgico.
Cheio de ruelas.
E mesmo estando atravancada, permanecerão os acordes
revisados e aclamados
no mais sublime concerto.

Síntese Biográfica de Sandra Clara

Nasceu em 12/05/1969, na cidade de Laguna, Estado de Santa Catarina. Graduou-se em Enfermagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, na cidade de Tubarão (1990). É servidora pública do Estado de Santa Catarina desde 04 de janeiro de 1993, onde atua como Enfermeira. Atualmente está lotada no Centro de Hematologia e Hemoterapia de Santa Catarina - HEMOSC. Especializou-se em Enfermagem na Saúde da Família (1999); Formação Pedagógica em Educação Profissional na Área de Saúde (2003) pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC; e, por último, em Saúde Coletiva, com Concentração em Gestão de Sistemas e Serviços de Hemoterapia pela Universidade Federal da Bahia – UFBA (2017), na modalidade EAD. Graduou-se, também, no Curso de Artes Plásticas da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC (2013). Foi membro efetivo do Grupo de Poetas Livres – GPL, no período de 2010 a 2013, participando na época dos projetos, tais como o “Viajando com Poesia” (2011) e na Revista Ventos do Sul. Em 2008 participou do livro “Talentos da Arte de Biguaçu”, organizado por José Braz da Silveira. Entre os anos de 2013 a 2019 teve muitos de seus poemas publicados em diversas Antologias. Em 26/07/2018 foi agraciada com o título de Sócio Emérito da Academia de Letras de Biguaçu - ALBig. No ano seguinte foi aprovada, mediante seleção pública, como membro efetivo desta mesma academia, onde ocupa a Cadeira de nº 40, cujo Patrono é VISCONDE DE TAUNAY.

Cadeira nº 40 – Patrono: Visconde De Taunay

Alfredo Maria Adriano d’Escragnolle de Taunay, primeiro e único Visconde Taunay, escritor, músico, professor, engenheiro militar, político, historiador e sociólogo brasileiro.

Foi um dos fundadores da Academia de Letras Brasileira. Nasceu no Rio de Janeiro em 22 de fevereiro de 1843. Sua obra-prima é o romance Inocência,

publicado em 1872 e traduzido para mais de 10 idiomas, tendo sido adaptado para o cinema em 1983 (1h58), com a direção de Walter Lima Jr. De família aristocrática, seu pai Félix Émile Taunay, era pintor, atuou como professor e diretor da Academia Imperial de Belas Artes. Seu avô, por sua vez, como informa-nos Manuel Bandeira em seu clássico livro “Noções de História das Literaturas”, veio para o Brasil como membro da missão artística Francesa: era o pintor Nicolás Antoine Taunay. Já sua mãe era Gabriela Hermínia Robert d’Escragnolle, filha do Conde d’Escragnolle e irmã do Barão d’Escragnolle. Aos 15 anos de idade, Alfredo de Taunay obteve o seu bacharelado em literatura pelo Colégio Pedro II, isso em 1858. Depois se enveredou pelo saber científico, estudando física e matemática na Escola Militar de Aplicação, que é a atual Academia Militar das Agulhas Negras, formando-se em 1863, aos 20 anos de idade como bacharel em Ciências Naturais. Iniciou a sua carreira de Engenheiro Militar em 1864, aos 21 anos de idade. Em 1864 ocorreu um fato significativo em sua vida, pois quando iniciou a sua carreira como jovem tenente Engenheiro Militar acabou sendo convocado para servir ao Império Brasileiro na Guerra do Paraguai, tendo seguido a tropa até a linha de combate. Inclusive esta experiência cruenta da guerra militar, mais tarde, deu origem ao livro “Da retirada da laguna”, escrito na França, em francês, quando lá esteve fazendo curso de aperfeiçoamento em 1872 e publicado no Brasil, traduzido em português por ele, no ano de 1874. Vale dizer que serviu na Guerra do Paraguai entre os anos de 1864 a 1870, entre os seus 21 a 27 anos. Retornando ao Rio de Janeiro, pela sua sólida formação cultural e científica, lecionou na Escola Militar e iniciou a sua carreira política no Partido Conservador. Deve ser dito que as eleições de então não eram com a ampla participação popular. Em 26 de abril de 1876, aos 33 anos, acabou sendo nomeado como Presidente da Província de Santa Catarina. Lembrando que na época Santa Catarina contava com as colonizações europeias (alemã, italiana, entre outras) em andamento, com o litoral consolidado e a povoação açoriana. Ficou no cargo de Presidente catarinense até o dia 2 de janeiro de 1877. Nesta época, durante a sua gestão, ocorreu a inauguração do obelisco que está hoje na praça XV de novembro. Foi, portanto, o presidente Dr. Alfredo D. Taunay, como era chamado e foi seu nome imortalizado na placa de pedra do monumento, que inaugurou com o Largo do Palácio (o atual Palácio Cruz e Souza), tendo no centro um obelisco de 10,88 metros, voltado uma face para a Catedral. É chamado de “Monumento aos Heróis Catarinenses na Guerra do Paraguai”, sendo que ele foi um dos que lá esteve no combate. Em 1881 acabou sendo eleito pelo partido conservador como deputado pela província de Santa Catarina. Por fim, acabou novamente nomeado agora como Presidente da Província do Paraná, sendo responsável pela criação do até hoje conhecido Passeio Público, isso em 1886. Enquanto Senador, também integrou, em maio de 1888, comissão

nomeada para analisar o projeto de lei que aboliria a escravidão do Brasil, a que se tornaria a famosa Lei Áurea e que foi assinada pela Princesa Isabel no dia 13 de maio deste mesmo ano. No dia 6 de setembro de 1889, acabou recebendo o título nobiliárquico de Visconde, lembrando que foi proclamada a república pelo Marechal Deodoro da Fonseca em 15 de novembro, quando acabou Dom Pedro II e toda a família real sendo deportados para outro país e findando o regime político da monarquia no Brasil. Foi aí neste ano que Visconde de Taunay abandonou a carreira política, permanecendo fiel às suas convicções sobre a monarquia até quando se despediu da vida terrena em 25 de janeiro de 1899 na cidade do Rio de Janeiro, aos 55 anos de idade.

ANTOLOGIA 2022

Acadêmicos Mirins

Bianca Sá Stefanos



Dama da Pátria

Poderia ser considerada
apenas como uma miragem,
se aquele pintor não acreditasse
na terra em que nascera.
Ao pôr do sol de um dia comum
ele avistara uma silhueta ao longe.
Aos poucos com alguns raios de sol
pôde levemente distinguir
três cores naquelas singelas vestimentas.
Verde, amarelo e azul.
A figura adornada pelo leve calor,
cercada pela natureza,
próxima a águas límpidas.
O espírito daquelas terras
o abençoara dando-lhe o vislumbre
daquela que trazia a mensagem de prosperidade.
O ser que este nomeara e retratara,
logo após a conquista, como:
A dama da Pátria

Escrevo, logo vivo.

Dos romancistas aos aventureiros.
Todos os corajosos que buscam
alegria, dor e euforia
em outro mundo
são os que querem um motivo.
Querem um motivo para toda
a força e desejo guardados num coração.
Força de lidar com um sentimento.
Desejo que não pode ser contido
de superar o medo e ver com os próprios olhos
a magia de um lugar escondido.
Motivo este
que é encontrado
ao pôr em palavras
seus anseios.
Escrevo, logo vivo.
Este é o motivo de um sonhador.

Biografia

Nome: Bianca Sá Stefanés

Nasceu em abril de 2003

Mora: Bairro Bom Viver, Biguaçu – SC

Acadêmica Mirim da Academia de Letras de Biguaçu, SC

Possui uma publicação na revista do grupo de Poetas Livres Vento do Sul,
na edição 53

Bruno Eduardo Vieira



Amizade

Todo mundo precisa de um amigo.
Para que ele sempre possa estar contigo.
Quando se sentir sozinho, lembre-se sempre haverá um amigo em seu caminho.

O seu amigo precisa te ajudar.
Nos momentos que você chorar.
Mas não chore, porque a tristeza já vai embora.
E quando você menos esperar já terá um amigo em sua porta.

Às vezes triste você pode pensar por estar sozinho.
Mas saia de casa, lá fora alguém deve estar disposto a te dar carinho. Um amigo
é como um irmão
Por isso dê muita atenção.

Biografia

14 anos (20/05/2008)
Estudante do 8° Ano
Morador de Biguaçu.
Adora ler, frequentar livrarias, sebos e bibliotecas.
Está muito honrado em fazer parte da Academia de Letras Mirim de Biguaçu,
bem como ter um dos seus trabalhos publicado na Antologia 2022.

Hellen Mendonça Fortunato



Ser um Brasileiro Independente

Independência não se faz em um dia, não se acaba jamais.

Antes do 7 de setembro tantas coisas se materializaram nas terras brasileiras, e ainda mais depois. De muitas páginas seria necessário para contar a história inteira e cada contribuição para a independência, cada gota de suor e lágrima. Por que resumir tanto em uma frase? Enquanto o começo de tal história está longe dos papéis, dos letrados e longe das margens do Rio Ipiranga, o começo está nas rígidas mãos dos escravizados e dos trabalhadores. Hoje só somos parte de um país pelo sentimento, o sentimento de ser brasileiro e de pertencer a este lugar.

Alguns remanescentes daqui, nativos sobreviventes das crueldades, outros vindos de tão longe, em busca de um novo lar ou forçosamente, todos diferentes. Não foi sem violência que nos acostumamos com nossas diferenças, não foi sem dor e perda que nos unimos em um só povo, sendo essa, no passado e no presente, das mais duras provas pelas quais o Brasil passa, para exemplificar ao mundo a tolerância. Assim, não somos mais parte de apenas um outro país, somos parte de todo o lugar em uma só nação.

Penso se realmente somos independentes, no sentido total da palavra. A independência está concluída ou ainda há resquícios de uma necessidade externa? De início, nenhum país possui tudo, assim sendo, é basilar ligações comerciais, que com o tempo podem se tornar pontes culturais essenciais, mesmo que com cuidado, evitando a desculturação. Não há sentido em nos dizer inteiramente independentes ou auto sustentáveis, enquanto o mundo funciona em conjunto

para o melhor desenvolvimento da vida, o qual estamos alcançando, em passos curtos e demorados. A edificação de cada país contemporâneo tem em sua origem ou atualidade o envolvimento de outros, mais ainda no Brasil. Uma independência propicia o crescimento interno que nos torna culturalmente únicos. Ainda encontramos a cultura portuguesa, africana e indígena em hábitos, objetos e em nossa fala, mas logo após a colonização, a união de todas essas culturas e a convivência entre suas matrizes e os elementos naturais brasileiros gerou culturas de fato brasileiras, ainda mais reconhecidas com a nossa independência que desatrelou nossa história com a de Portugal, abrindo caminho para novas conquistas.

Uma das maiores riquezas do Brasil é a sua diversidade, originada de nossas portas abertas, o Brasil representa refúgio, mas isso não enfraquece a pátria nem faz-nos sermos em menor quantidade brasileiros, isso só reforça a grandeza dos corações receptivos e hospedeiros que tanto se encontra neste país. O ato de receber é o mesmo de recuperar nossas origens, na terra que nos alimenta e nos sustenta de aprendizados.

A terra brasileira é oficialmente independente de Portugal há 200 anos, isso mudou a vida de gerações, isso fez sermos quem somos: somos brasileiros, somos indígenas, europeus, africanos e muitos mais. Somos unidos por uma nação, mas sobretudo, pelo que é invisível aos olhos.

Biografia:

9º ano

15 anos

E.E.B. Altamiro Guimarães

Natural de Rio Grande no Rio Grande do Sul

Residindo em Biguaçu

Interessada principalmente pelo gênero literário lírico, por filosofia, mas também por narrativas, e por livros científicos.

Tem muito apreço pela história, de onde surge grande inspiração.

ANTOLOGIA 2022

Independência

Concurso 2022

E.B.M. Professor Donato Alípio de Campos

Aluno: **Ozimaxi Cassio Oliveira dos Anjos**

Turma: 8º 1

Independência do Brasil

Em 1808 a família real veio para o Brasil
Com a sua grande corte (quase 15 mil)
Vieram com D. João
Para fugir de Napoleão

Contra e a favor da independência
Muitas batalhas foram travadas
E ocorreram em várias províncias
e pelo exército foram dizimadas

Em todos os lugares
No Pará ou Cisplatina
Na Bahia ou Maranhão
Todos tiveram revolução

A independência do Brasil
Ocorreu durante a regência de D. Pedro de Alcântara
Que se tornou então o primeiro
Imperador brasileiro

O preço da independência
Pagamos até agora
Nunca desistiremos da luta
Liberdade é o amanhã é toda hora.

E.B.M. Professor Donato Alípio de Campos

Aluna: **Ana Clara Faria Martins**

Turma: 8° 1

Brasil

Sete de Setembro
Diz então D. Pedro
Um grito de liberdade
Pelo povo brasileiro

Esse lindo céu anil
Da nossa terra surgiu
Essa famosa cultura
Da nossa terra tão pura

Nossos pássaros cantores Tudo parece flores
Lugar de tantos amores
E também de muitos valores

Aqui tem tanto amor
Todos sentem esse calor
És a nossa nação
Nossa eterna afirmação

Tens todo o nosso coração
O Brasil de união
Todos os dias uma nova lição
Nosso país de tanta paixão

E.B.M. Professor Donato Alípio de Campos

Aluna: **Larissa Amaral da Silva**
Turma: 8° 2

Em todo 7 de setembro

Em todo 7 de setembro
Eu sonho com um Brasil limpo,
Com qualidade na saúde
e educação.

Em todo 7 de setembro
Eu sonho com um Brasil justo,
Com segurança, e prosperidade,
Eu sonho.

Em todo 7 de setembro
Eu sonho com um Brasil
de paz e união
Entre as pessoas.

Em todo 7 de setembro
Eu sonho com um Brasil
Alegre, sem violência ou morte.

Neste 7 de setembro
Tiro um tempo para refletir
O que ainda precisa mudar para
Que a verdadeira independência, ordem
e progresso possamos alcançar.

E.B.M. Professor Donato Alípio de Campos

Aluna: **Victória Gabrielly de Lima**

Turma: 8º 3

Mais um ano

Brasil, um país que há 200 anos lutava
E pela independência se animava
Vindo de Portugal D. João e a realeza
Juntos fugiam das tropas francesas

Um tempo depois um grito foi dado
Mas não igual imaginávamos
E às margens do Rio Ipiranga
Ele foi realizado

No dia 07 de Setembro de 1822
Por causa da independência
Muitos lutaram
E os que quiseram a independência
Firmes aguentaram

Então muito tempo passou
E o dia de hoje chegou
200 anos
Independentes estamos

Mais uma vez comemoramos
Nessa data querida
Lembrada na história
A independência das nossas vidas

E.B.M. Professor Donato Alípio de Campos

Aluna: **Jeniffer Kelly Miguel Eis**
Turma: 8° 3

Um Brasil Independente

Antes de sua partida
D. João deixou seu filho
Era D. Pedro I
Seu príncipe herdeiro

No dia 07 de Setembro
D. Pedro I
Libertou de Portugal
O povo brasileiro

Às margens do Rio Ipiranga
A independência foi declarada
Instalou-se a monarquia
E a liberdade esperada

Assim estamos hoje
Um Brasil independente
Felizes estamos com as escolhas
De lutar pelo que nos pertence.

E.B.M. Professor Donato Alípio de Campos

Aluno: **Anderson Lemos Gipp**

Turma: 9º 2

Independência do Brasil

Os portugueses queriam a volta
De D. João à Europa
As tensões políticas causaram entrevero
Formando dois partidos: o português e o brasileiro

Quando D. João partiu, deixou seu filho como regente
Mas ele recebeu uma ordem que voltasse imediatamente
Porém mobilizaram o povo num abaixo-assinado com assinatura de milhares
Pedindo para que em nosso país o príncipe ficasse

O Brasil era independente politicamente
Mas ainda era ligado a Portugal e sua gente
Porém o objetivo não conseguiram alcançar
Porque o tal documento não obteve o efeito de as tensões acalmar

Foi em 7 de Setembro que tudo então mudou
Foi às margens do Ipiranga que a independência declarou
Isso então foi na história o ponto final
Formalmente declarada a separação entre Brasil e Portugal

D. Pedro e seu cavalo não contavam com a sorte
Junto com o povo, gritou: Independência ou morte!
E é aí que te pergunto: Estamos livres finalmente?
Ou muito pelo contrário, pois alguém ainda influencia a gente?

E.B.M. Professor Donato Alípio de Campos

Aluna: **Tifany Amanda Da Costa**

Turma: 9° 3

O Brasil

Brasil das descobertas
Brasil de confusões
Cada pedaço teu consagra
O futuro da nação

O verde da nossa bandeira
Nossas matas representa
Com seus rios, matas e cachoeiras
Essa é a pátria brasileira

Com atitudes D. João VI
Cria ministérios e tribunais
Banco do Brasil ainda em 1808
Foram marcos presentes no governo do país

Era o grito de um povo
Que chamava com amor
Foi então que D. Pedro
A liberdade proclamou

Nesse dia comemoramos
A independência do Brasil
Em todos os recantos
Cheio de encantos.

E. B. M. Professor Donato Alípio de Campos

Aluna: **Eloísa Rodrigues de Oliveira**

Turma: 9º 2

A vida de Dom Pedro Brasileiro

Já pensou como seria se Dom Pedro fosse brasileiro e não português?

Certamente ele teria um vira-lata caramelo; usaria havaianas brancas; viajaria com a família para a Praia Grande e jogaria vôlei na praia com Dona Leopoldina e José Bonifácio.

Faria aquele churrasco, regado com muita cerveja, nas margens do Rio Ipiranga com os amigos, cuidaria da vida dos outros; iria para o estádio ver o jogo do São Paulo e arrumaria briga com o time adversário; seria “técnico” da seleção brasileira, receitaria remédios para todo mundo e teria aquele tio que só fala de política no grupo da família.

Inventaria gambiarras; faria um gato de luz ou internet; ficaria mais de hora esperando na fila do SUS, reclamando de tudo; comeria o melhor da nossa gastronomia: pão de queijo, coxinha, acarajé, pizza doce, brigadeiro...

Conheceria a beleza e a cultura de cada estado: visitaria o Cristo Redentor, a Chapada dos Guimarães, O Rio Amazonas, o Rio São Francisco, As Cataratas do Iguaçu, dançaria um Carimbó, uma Chula, um Samba, uma Vanera. Participaria de uma boa roda de capoeira, dançaria uma Pisadinha, ouviria uma Sofrência, subiria a escadaria da Penha, usaria uma fitinha do Senhor do Bonfim ou enviaria uma oferenda para Iemanjá.

De qualquer forma, um fato é certo: ele teria muito orgulho de ser brasileiro! Não era brasileiro, mas ao declarar a independência deste país maravilhoso, ajudou a sermos os brasileiros que somos. Então, valeu, Pedrão!

E. B.M. Professor Donato Alípio de Campos

Aluno: **Jefferson Alan de Farias**

Turma: 8º 1

A Independência do Brasil

Viva a independência!
A independência do Brasil
A nossa independência
Outra igual nunca se viu

O verde da nossa bandeira
Representa nossas riquezas
Matas, árvores e rios
Da nossa pátria brasileira

O amarelo da nossa bandeira
Representa a nossa riqueza
Minérios e muito ouro
Esse é o nosso tesouro

O azul da nossa bandeira
é a cor do nosso céu
Do nosso querido Brasil
Nosso Brasil azul de anil

O branco da nossa bandeira
Representa para mim a paz
Para o povo brasileiro
E a paz para o mundo inteiro

Professor Donato Alípio de Campos

Aluna: **Rakéle Teixeira Rocha**

Turma: 8° 2

Nosso Brasil

Brasil,
Ainda és nobre e glorioso
Onde firmo os meus pés
Adorável é teu povo

Minha terra amada
Tu foste roubada
Tua nação foi explorada
Por Portugal colonizada

Lindos são os teus biomas
Como o Pantanal, a caatinga,
Os sertões e os Pampas
A tua fauna me encanta

Bela é a tua história
Com suas revoluções
Que foram dignas de glória
E de suas vitórias

Tua independência foi declarada
Por D. Pedro de Alcântara
Foi às margens do Ipiranga
Oh, meu Brasil, como me encantas.

E. B. M. Professor Fernando B. Viegas de Amorim

Aluno: **Samuel Blank Januário Raitz**

Turma: 8ª A

A vingança de Adilson, o pegador de casadas.

Era uma história de dois caras, um Brasileiro e outro Português. Adilson, pegador de casadas, era o Brasileiro e Sandro era o Português.

Adilson queria a independência do Brasil e o Sandro queria o ouro, e eles começaram a brigar. O Adilson deu um soco de direita, mas Sandro desvia e pega a sua pistola e acidentalmente deu um tiro no pé de Adilson, pegador de casadas, mas o Adilson não desiste e dá uma barrigada no Sandro e Sandro desmaiou.

No dia seguinte, Adilson vai até o Sandro para pedir a independência, mas Sandro como sempre negou, mas Adilson pegou sua espingarda e acidentalmente ameaçou o Sandro, falando que se o português não deixasse o Brasil independente, iria dar um tiro na cabeça de Sandro, mas Sandro é esperto, ele é cão do mato, deu o certificado de independência falso para Adilson (acidentalmente).

Adilson mostrou o certificado (acidentalmente falso) de independência para todo mundo, todos os brasileiros ficaram felizes, mas o detetive percebeu que era falso e os dois brasileiros foram até o Sandro, mas o Sandro há um minuto atrás percebeu que não tinha mais ouro no Brasil e rapidamente deu a independência para o Adilson e fim...

Mas é claro que Adilson queria vingança e pegou a mulher do Sandro e Adilson fez seu nome.

E. B. M. Professor Fernando B. Viegas de Amorim

Aluno: **Kauan Vítor Muniz**

Turma: 8ª C

200 Anos de pura Independência

Olá! Meu nome é Deimian, eu nasci no dia 07 de setembro de 1795. Ei! 7 de setembro te lembra algo? Exatamente! A independência do Brasil. Cara, foi muito louco. Sim, eu estava lá! Você deve estar cheio de dúvidas, não é?! Deixa eu te explicar: eu sou um vampiro de origem portuguesa e atualmente tenho mais de 200 anos.

Os humanos falam que a independência foi no Rio Ipiranga com a espada pra cima! “Independência ou morte” !!! Tudo balela. Na verdade, foi aquele pintor Pedro Américo que criou essa cena (Acho que ele estava meio bêbado), enfim, depois do “grito de independência”, o Pedrinho se tornou Imperador do Brasil, mas essa tal independência não resultou em transformações políticas profundas e tampouco sociais. Mas o que importa é que o Brasil deixou de ser uma colônia, e se transformou em uma nação independente...

Assim, isso tudo foi uma grande loucura!! Daqui há alguns dias eu vou fazer aniversário e por isso resolvi falar um pouco da independência, que foi uma palhaçada (e não mande H8 no twitter!)

Então é isso pessoal, como vampiro tenho muito pra viver e muito sangue pra beber! Tchau!

E. B. M. Professor Fernando B. Viegas de Amorim

Aluna: **Emilly Metzner Antunes**

Turma: 8ª A

200 Anos

200 anos de liberdade;
200 anos que D. Pedro gritou:
Independência ou morte;
200 anos que os negros e
os índios foram libertos;
200 anos que deixaram de
nos tratar como bichos;
200 anos que um negro foi para a escola;
200 anos que um negro entrou num
restaurante com sua família;
200 anos que os brancos aceitaram
viver com os negros;
200 anos que uma criança negra
andou sozinha na rua;
200 anos que há igualdade entre
os brancos e os negros;
200 anos que isso é uma mentira!

Educação de Jovens e Adultos (EJA)

Aluna: **Daniela Rodrigues Justina**

Turma: 8º/9º

Maria Leopoldina – Imperatriz do Brasil

Maria Leopoldina, menina vivida
No decorrer de sua infância
Alegrias e tristezas foram sofridas
Ao ser criada para ser realeza
Teve influência de muitas mentes
Para onde saía
Ia consigo uma servente

Ao acabar sua infância
Veio por consequência sua juventude
Na sua juventude teve como educação
Falar um montão
Francês, italiano e alemão
Mas de todas essas falas
Foi o português que ela mais falou
Pois as vontades de seu pai sempre acatou

Ela conheceu depois de um tempo
Dom Pedro que teve casamento
Maria Leopoldina teve influência
Pois foi ela quem assinou
A carta da Independência
Assim o Império começou
Essa é a força da mulher
Que pode estar onde quiser

Educação de Jovens e Adultos (EJA)

Aluno: **Ricardo de Andrade**

Turma: 6º/7º

Independência

200 Anos de Independência não está errado

Sim, trata-se sobre a Independência do Brasil

Mas, e os brasileiros?

Que têm uma luta diária, para serem Independentes

Há 200 anos pessoas morreram batalhando pela Independência

Independência?

E outras morreram por consequências e brutalidades

Joana Angélica é um belo exemplo

Ela, como muitas outras foi uma vítima e uma consequência da guerra

Muitas pessoas matam ou morrem na guerra

Mas, nem sabem o porquê

Joana Angélica sabia, ela tinha um ideal

Não só sabia, como deu a sua vida por seu convento

Isso tudo no século XIX

E em pleno século XXI

Há pessoas que apoiam a Violência contra mulher,

Preconceito, Racismo e muitos outros Absurdos

Pessoas trabalhando 10, 12 horas por dia

Para conseguir apenas o suficiente para sobreviver

E ou muitas vezes nem isso

Me diga: - Isso é ser independente?

- Ou escravidão? É a escravidão nos tempos modernos

Disfarçada, sem correntes e sem chibatas

Pessoas morando em casas com situações precárias

Pessoas passando fome

Sempre com boletos atrasados

Sempre na mão do seu patrão ou do governo

Então, sim o Brasil é Independente

Porém, poucos Brasileiros são de fato Independentes

Educação de Jovens e Adultos (EJA)

Aluno: **Izael Velasio Florêncio**

Turma: 8º/9º

A Independência do Brasil

O brasileiro no Brasil gritou
Um grito de Independência ou morte
A morte que tanto o assustou
Um grito indiferente que o frustra
Por sua Independência, uma nação chorou

Hoje você é Independente também por causa de Tiradentes
Independente diante das pressões
E das inúmeras manifestações
As manifestações políticas
Que se espalhavam pelas províncias

As províncias queriam a derrubada do governo
E o Brasil passou a exigir a permanência de D. Pedro
O Brasil deixou de fora a população
Que não teve na política participação
A proclamação da Independência impôs a Constituição

Meu Brasil brasileiro, ó terra adorada
Que a Independência esteja em todo coração
Com essa pequena história faz a sua oração
E hoje temos a criação das urnas para a população
Poder opinar no desenvolvimento da nação

Colégio Educar

Aluna: **Jamily Santos Da Silva Balozi**

Turma: 9º Ii

Será que o Brasil mudou?

Em 1500 chegaram aqui
Um dia tão belo em pleno abril
Desde então nunca mais saíram daqui
Foi quando começou a miséria do nosso brasil

Tantas riquezas espalhadas
Mares, matas e flores por aí
Colonizadores chegaram aqui e então elas estavam acabadas
Seu destino estava traçado ali

Mortes, roubos e exploração
Os indígenas que aqui viviam antes
Perdem suas terras sem hesitação
E agora viviam dias excruciantes.

Anos depois em que as coisas ainda estavam a acontecer
Uma decisão foi tomada
Um monarca e português era quem iria desfazer
A dependência que um dia pela família dele foi iniciada

Em um dia fatídico ele gritou
Com a espada erguida, empunhada na mão
Todos acharam que nosso destino ele mudou
Foi então quando acabou aquela união

Porém não foi aí que os sofrimentos acabaram
Ali só foi quando se desvinculou
Até os dias de hoje essas atrocidades duram
Será que o brasil mudou?

Colégio Educar

Aluno: **Arthur Sell De Moraes**

Turma: 8º I

História do Brasil

Em 1822, com bravura e coragem, no meio de toda gente,
Disse ao povo: - “Eu fico!” o Príncipe Regente.
Deu as costas para a Corte que exigia sua volta,
Foi fiel aos brasileiros, gerando à Corte Revolta.

A caminho de São Paulo, passando por Guaratinguetá,
Resolveu Dom Pedro a Capela Milagrosa visitar.
Procurou em Nossa Senhora da Conceição Aparecida
Coragem para erguer uma nação destemida.

Apesar de nossas matas, o verde que na bandeira balança,
Devemos isso a Dom Pedro, da Casa de Bragança.
Não é por nosso ouro que o amarelo ilumina,
É da Casa de Habsburgo, da Imperatriz Leopoldina.

Em comitiva pela Brasil, sua esperança ficava maior,
Aconselhou-se com seu amigo, o Padre Belchior.
E às margens do Ipiranga, em ato de bravura e valentia,
Declarou independente do Brasil com alegria.

Em sete de setembro a independência é declarada,
Aquele que era colônia, agora foi libertada.
Toda tropa portuguesa que aqui desembarcava,
Era considerada inimiga, e Dom Pedro rejeitava.
Passados duzentos anos, desse grande acontecido,
Somos um povo livre e também agradecido.
Que Santa Maria ao nosso lado possa estar,
Para que a força e coragem não nos deixe faltar.

Colégio Educar

Aluna: **Isadora Müller Kirsten**

Turma: 8º I

Independência do Brasil

7 de setembro, uma data muito importante
Pois aconteceu um fato relevante
Um dos principais acontecimentos da história
Dom Pedro deu início a nossa trajetória

Atualmente 7 de setembro é um feriado nacional
Em comemoração ao rompimento com Portugal
Foi com coragem e muita sorte
Que D. Pedro gritou “Independência ou morte!”

Brasil rompeu com aquele país intransigente
Tornando-se independente
Foram tomadas algumas medidas para modernizar o país
Tornando o Brasil mais feliz

A independência foi o resultado de um processo desgastante
Para os brasileiros um fato importante
Ficar livre de Portugal
Nos livrou de um grande mal

Todos os recursos conquistados
Deveriam ser compartilhados
Os brasileiros trabalhavam
Os portugueses escravizaram

Nossa independência nos deixou muito feliz
Por isso é comemorada em cada cidade do nosso país
Este ano comemoramos 200 anos
De liberdade para todos os seres humanos

Colégio Educar

Aluna: **Beatriz Vicente Antunes**

Turma: 8º Ii

Nosso Brasil

Nosso Brasil Dia 7 de Setembro

Dom Pedro I gritou

Independência ou morte?

A “liberdade” começou.

Um país quase independente

O Brasil virou

Separou-se de Portugal

Mas com os outros países ele ficou.

A partir daí

A mudança começou

A política mudou

Mas a escravidão continuou.

Todos escolheram independência

Na esperança de um país melhor

Mas por conta de algumas pessoas, não só política,

Ele está ficando cada vez pior.

Todo brasileiro quer e sonha

Com um Brasil mais seguro

Com qualidade de vida e saúde

E emprego e educação para todos.

Mas no Brasil ainda tem muita

Desigualdade e sem liberdade

Racismo e preconceitos

Democracia e sem direitos.

Muitos já perderam a esperança
De o Brasil melhorar
Mas se ele continuar assim
Com essas pessoas vou me juntar.

Se soubessem que seria assim
Talvez escolheriam a morte
Acho que melhor depender de um país
Do que ver todos os dias inocentes que morrem.

Colégio Educar

Aluna: **Alissa Brasil Lisbôa da Silva**

Turma: 9º

“Independência”

Pindorama era o Brasil antes de Portugal
Em 1500, acidentalmente, chegou Cabral
Trezentos anos de exploração de recurso natural
Para que somente depois, aqui, chegasse a família real

Índigenas explorados e escravizados em território nacional
Um verde que desaparecia, mas mantemos na bandeira
Contraste com o vermelho de sangue
E o vermelho da madeira

A cada dia se percebia o terreno limpo ficar
Brasil em seu lugar de domínio territorial
Para, em breve, os fugidos de Napoleão aqui chegarem
Tudo passaria a refletir o ideal

Carlota Joaquina, Dom João VI, Dona Maria
Todos esses, que aqui começaram a Monarquia
Para atender as necessidades da família real
Trazendo progressos até o dia atual

Treze anos até a partida, só Dom Pedro ficou no lugar
No Paço Real declarou a certeza de ficar
“Independência ou morte” às margens do rio Ipiranga ele gritou
“Independência” ou “morte”, qual dos dois se ressaltou?

Independência plena não existe em nenhum país
São tempos de globalização
Sem perder de vista toda a colaboração
Quantos anos levará para termos um Brasil realmente feliz?

Colégio Educar

Aluno: **Diogo Mendes Fernandes**

Turma: 8° 1

200 anos de um povo Independente

Em 1500 já se via
Cabral chegando na Bahia
E foi onde tudo começou
Esse lugar é Salvador.

Quando Napoleão proclamou
O bloqueio continental
Veio para o Brasil
A família real.

Após alguns anos
Um imperador viajou para o interior do Brasil
E nas margens de um rio
Proclamou a independência do Brasil.

Ele prometeu liberdade
Mas Liberdade ainda não se viu
E os escravos perguntavam
Este não é o nosso Brasil?

Logo após que a política veio
As brigas aumentaram
Mas a fome e o sofrimento
Ainda não acabaram.
200 anos de independência
Mas ainda falta muita competência
A política no Brasil está cada vez pior
E a desigualdade está cada vez maior.

Colégio Educar

Aluno(A): **Vitória Vidori**

Turma: 8º Ii

Nossa Independência

Há muito tempo atrás
Para impostos não pagar
Nova rota foi traçada
Portugueses chegaram a nossa terra para explorar

Depois de tudo dominar
Vieram ao Brasil, nossa terra tão bonita,
Para se refugiar
Com o passar do tempo chegou a hora tão esperada

O grito que faria tudo mudar,
Mas nada saiu do lugar
Nos tornamos livres, sem nem mesmo nos libertar
Diversas revoltas em busca de mais autonomia

E das garras de Dom Pedro I sair
As pessoas passaram a lutar,
Desde o Primeiro Reinado até mesmo depois da ditadura
Em busca de poder se expressar

Passamos por tempos difíceis
E ainda temos muito pelo que guerrear
Desde o início lutamos por autonomia,
Porém até agora nada de ela chegar
Temos muito o que melhorar
A história do Brasil ainda não está encerrada
E, por isso, devemos continuar
Em busca de conquistar um Brasil melhor

Colégio Educar

Aluno: **Pedro Coelho Vultuoso**

Turma: 9º Ii

Evolução vagarosa

Tudo se inicia na sensação de conquistas por um navio na praia de um país com danos. Exploração da história esquecida que formou tribos humildes e organizadas. Gentes ou selvagens, uma grande diversidade cultural ofuscada por espelhos e itens de metal. Começa com escambos e se torna escravidão.

Nomeia-se Brasil pela tinta natural, que tem seu nome explorado como colônia. Vêm serviçais da África, são mandados de navio negreiro e chegam vinte. Usando da riqueza natural como cachimbo em nome da sua crença e riqueza, aculturando o máximo possível, julgavam inferiores aqueles que mais dependiam.

A história segue e poucos têm liberdade sem serem brancos, os assassinatos, roubos, latrocínios, estupros, agressões são todos esquecidos por menções citando “insatisfação e sofrimento” nos livros de História, como uma vergonha de dizer o que fizeram conosco. O branco de algodão, vermelho sangue e amarelos disparos usados em busca de ir contra a tirania não estão na bandeira mas servem de chamado para os canhões mais uma vez.

Independência veio apenas após a fuga dos ricos portugueses para cá, nos empurrando para favelas inseguras, fracas e vulneráveis contra quem consegue os enfrentar, o medo de Portugal novamente traz mal ao Brasil.

Lei Áurea tirou a corrente, mas deixou na miséria, independência tirou Portugal, mas não levou danos da terra junto. Tentando ser independente mas permitindo voto de cabresto e desigualdade social, a miséria só aumenta, avança lentamente.

Militares no poder, de novo, de novo, atrapalham e exploram novamente o povo, novamente assassinatos, estupro e prisão, até tudo ter o mínimo de ordem e progresso e chegarmos aos dias atuais, respeitados pela paz e diplomacia, caçando coisas boas no país e evoluindo. Elogiados pela paz não apenas por conversa, mas por não ir tomar quem nos exploravam. O que fariam? Diriam que lá tem dono? Parabéns, agora sabem como nos sentimos.

Colégio Educar

Aluno: **Luan Lamêgo**

Turma: 9º I

200 anos

Sete de setembro
As margens do Rio Ipiranga
Um grito de liberdade
Marcou nossa história

Brasil de D. Pedro I
Nação de um povo guerreiro
Que luta e não se cansa
Só que, hoje, às margens da esperança

O verde da nossa bandeira
Nossas matas representa
Com seus rios, lagoas e cachoeiras
Essa é a Pátria Brasileira

O amarelo da nossa bandeira
São nossas riquezas
Pedras preciosas e o ouro
Protegidos pelo nosso povo

O azul da nossa bandeira
Esse azul da cor anil
Representa o nosso céu maravilhoso
Do querido Brasil

O último e não menos importante
Temos o banco exuberante
Representa a paz para todos os brasileiros
E as pessoas do mundo inteiro

E. B. M. Professor Manoel Roldão Das Neves

Aluno: Athos José Guerreiro

Turma: 8º B

200 anos da Independência do Brasil

Brasil, um país de glórias eternas cujas maravilhas são magníficas, esplêndidas e incomparáveis. Esse ano de 2022 o país completa 200 anos de independência, uma data expressiva e memorável para uma pátria tão amável. Uma nação com enormes talentos e impressionantes paisagens naturais, uma nação acolhedora e cheia de amor no peito, e com grande alegria eu digo que sou brasileiro!

A história da independência do Brasil se concretizou dia 7 de setembro de 1822, dia que Dom Pedro I às margens do Rio Ipiranga gritou “Independência ou morte”, um grande feito, um marco que revolucionou a história do povo brasileiro e trouxe uma vitória para esta pátria magnífica, como libertação de Portugal que fez este povo ser reconhecido num âmbito internacional, começando aí nossa história política.

Esta bela história mostrou para o mundo a importância dessa nação, que eu digo com muita emoção que todo o brasileiro deve se orgulhar de nascer nessa enorme e incomparável pátria.

Ao longo dos anos da independência, o povo brasileiro revolucionou a história em muitos fatores, entre eles, o futebol, a poesia, a arte e o jeito amável do nosso querido povo brasileiro, com sua força e perspicácia.

Esse é o nosso Brasil, essa é a nossa pátria amada, uma nação tão impressionante e tão impactante que revoluciona eras e cada vez mais impressiona o mundo inteiro. Para finalizar, eu quero dizer: Viva o Brasil! Viva a independência! Viva o povo brasileiro!

E. B. M. Professor Manoel Roldão Das Neves

Aluno: **Julia Da Silva Oliveira Costa**
Turma: 8° A

200 Anos da Independência do Brasil

Neste Sete de Setembro, duzentos anos de liberdade trabalhando
com esforço,
Construindo um Brasil de respeito e igualdade;
“Independência ou morte!” de um grito de Dom Pedro,
Surgiu com o significado de liberdade,
Daí surgiu, o sentimento brasileiro:
Ou ficar a Pátria livre,
Ou morrer pelo Brasil!
A independência foi construída junto de Dom Pedro I.
Quem diria que isso poderia mudar o país inteiro?

Brasil é terra de gente batalhadora,
Terra de gente do bem,
Que corre atrás todos os dias
Para ter tudo o que têm.

A liberdade não é só fazer o que bem entender,
Mas também uma oportunidade
Da coisa certa se fazer.
Numa realidade tão difícil, onde tudo parecia piorar,
Mas com esforço e vontade,
Houve a esperança de melhorar.
Neste dia tão especial,
É pra comemorar
Sobre um fato histórico para o Brasil
Que devemos nos orgulhar,
Parabéns meu Brasil, por esta data celebrar!

E. B. M. Professor Manoel Roldão Das Neves

Aluna: **Andresa Alzira Israel Pereira**

Turma: 9° A

200 anos da Independência do Brasil

Quem diria... Mais uma vez o Brasil sendo exaltado, e agora por completar seus 200 anos de independência. Depois do grito de Dom Pedro I, “independência ou morte”, deixamos de ser uma colônia para tornarmos um país, um país maravilhoso e de muitas glórias, diga – se de passagem.

Mas o que seria a independência? O que é ser independente? É saber que mesmo tendo um laço com algo ou alguém, não podemos depositar todo nosso valor nisso. O Brasil só foi reconhecido como um país independente porque mostrou seu valor lutando.

Nossa! Como é prazeroso ler esta palavra (Brasil) e saber que sim, fazemos parte dessa nação que é tão preciosa e valorosa aos olhos de quem a vê, estando ciente que temos a nossa Amazônia tão verde quanto a bandeira brasileira, a mesma que, durante o hino nacional, admiramos com respeito.

Ser independente é ser livre e mostrar a todos que somos fortes e destemidos para conquistar tudo, assim como o Brasil conquistou sua independência.

E por isso cantamos, gritamos, temos orgulho, mostramos aos quatro cantos deste mundo a alegria e o orgulho de sermos brasileiros, um povo guerreiro e sofrido, que não foge à luta, não desistimos e vamos sempre em frente!

Viva o povo brasileiro!

Viva o Brasil, nossa pátria amada!

E. B. M. Professor Manoel Roldão Das Neves

Aluna: **Ana Luiza Pauli**

Turma: 8° A

200 anos da Independência do Brasil

O ano era 1822,
Às margens do Rio Ipiranga,
O grito de liberdade aconteceu,
Brasil livre se tornou,
Com um céu cor de anil
Dom Pedro I proclamou a independência do Brasil!

Dia Sete de Setembro ficou para a história,
Com garra e luta,
Hoje se comemora essa vitória,
Confirmando, assim, nossa eterna glória!

Com um país independente, seguimos sorridentes;
Brasil rico em diversidade, só nos traz felicidade,
Assim, seguimos agradecidos,
Pela bela pátria e dela termos nascido.

Brava gente que lutou,
Com um grito de independência ou morte,
O Brasil se libertou.

Com vinte e sete estrelas, uma bandeira se criou,
Uma nação despertou e seu povo comemorou,
Verde, amarelo, azul e branco,
Brasil gigante se tornou!

E. B. M. Professor Manoel Roldão Das Neves

Aluna: **Ana Clara Carvalho de Faria**

Turma: 8° B

200 anos da Independência do Brasil

A independência do Brasil aconteceu no dia 7 de Setembro de 1822, às margens do Rio Ipiranga. Quando Dom João VI retornou para Portugal, seu filho Dom Pedro I foi designado Príncipe Regente do Brasil, foi onde nossa história mudaria para sempre, nossas amarras seriam desatadas a partir deste momento.

Dom João VI ordenou que seu filho Dom Pedro voltasse para Portugal, pois aquele país pretendia tornar o Brasil novamente como sua colônia. Dom Pedro não aceitou e negou seu retorno à Portugal, arquitetando o plano de declarar independência do Brasil na data de sete de setembro de 1822, e assim foi feito: Aquela espada erguida aos céus brasileiros fora uma apunhalada às pretensões da coroa portuguesa e uma libertação de nossa pátria, que finalmente se tornaria mais tarde uma república.

Na minha visão como estudante da escola Roldão aqui em Biguaçu, e como cidadã brasileira, este acontecimento foi crucial para uma justiça social no Brasil, acabando com privilégios de uma elite que exclusivamente desfrutava dos benefícios e da produtividade de nossa terra, tendo privilégios e regalias, enquanto o povo vivia na miséria.

Eu como brasileira sou grata pelas belezas naturais, pelos grandes artistas tanto nas artes, como na música e também no futebol e outros esportes, e também pela diversidade do nosso povo e da natureza que é exuberante em todo nosso território. Mesmo com os muitos problemas sociais existentes atualmente, amo meu país, uma grande nação, agradeço pela democracia e vejo um futuro promissor para o nosso Brasil.

Bem diz um trecho de nosso hino: “Se o penhor dessa igualdade, conseguimos conquistar com braço forte, em teu seio, ó liberdade, desafia o nosso peito à própria morte!”

Viva o nosso BRASIL!

1ª edição novembro 2022
formato do livro 16x23cm
tipografia adobe caslon pro
papel de miolo pólen soft 80g/m²
papel de capa cartão supremo 250g/m²

@EDITORIALCASA

